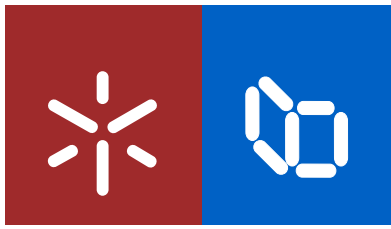


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

ZHANG Gong

Análise Breve de Imagens Recíprocas nos
Media China e Portugal



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

ZHANG Gong

**Análise Breve de Imagens Recíprocas nos
Media China e Portugal**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho realizado sob a orientação da

Professora Doutora Sun Lam

e da

Professora Doutora Maria Emília Pereira

Declaração

Nome: ZHANG GONG

Endereço Eletrónico: zg8833@163.com

Telemóvel: 00351 - 927681975

Número do Passaporte: G44122094

Título da Dissertação: Análise Breve de Imagens Recíprocas nos *Media*
China e Portugal

Orientadoras: Professora Doutora Sun Lam e Professora Doutora Maria Emília Pereira

Ramo de Conhecimento: Estudos Interculturais Português/Chinês

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de Investigação,
mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, / / ,

Assinatura: _____

**Aos meus pais,
que merecem este trabalho**

Agradecimentos

É com muita satisfação que expresso aqui os meus agradecimentos a todos aqueles que tornaram a realização deste trabalho possível.

Início os agradecimentos pelos meus pais, que cuidaram com esmero da minha educação e que me amaram e apoiaram sempre.

Gostaria de agradecer profundamente às Professoras Doutoras Sun Lam e Maria Emília Pereira, pela orientação cuidadosa e responsável, pelas sugestões e comentários pertinentes, pelos conhecimentos que me transmitiram, pelo tempo e esforço dedicado, e também pela grande sinceridade, simpatia e paciência.

Também à Professora Doutora Sun Lam, Diretora do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, pela oportunidade que me deu de frequentar este Mestrado na Universidade do Minho e pelo seu apoio académico e pessoal.

Ao Professor Luís Cabral, que tem um profundo conhecimento e compreensão sobre o pensar dos alunos chineses, e, sobretudo, uma grande bondade, pela muita informação que me forneceu, pela grande ajuda que me prestou para pôr as minhas ideias em texto português, pela sua alargada visão acerca da vida e da sociedade que me transmitiu, pelo encorajamento para enfrentar a tarefa, e também pela extrema paciência, e grande amizade.

Gostaria ainda de agradecer:

A todos os meus professores, pela paciência, pelos conhecimentos transmitidos e pela

ajuda na vida.

À Professora Doutora Ana Gabriela Gama, pelas sugestões sinceras e conhecimentos fundamentais na área de Comunicação Social, e por todo o carinho e simpatia com que me recebeu.

Aos meus amigos chineses e portugueses, Hou Xiaoying, Zhu Mingshan, Wang Dongye, Liu Nan, Huyan Yiqi, Liao Yiran, Wu Yipei, Liu Cong, Sun Weiyang, Xiong Qiangqiang, Vanessa Trigo, Marta Sofia Pereira, Marta Leite, Ricardo Coelho, Rui da Silva, sempre prontos para me ajudar tanto a nível académico como pessoal.

Especialmente ao grande amigo Sérgio Pires, pelo apoio académico que tanto me foi útil, pela ajuda ao nível da língua portuguesa e pela grande amizade e paciência.

Aos grandes amigos Zhao Chen, Zhang Hong e Zhang Yanlin, pelas informações que me forneceram sobre assuntos que abordo na dissertação, e pelo sincero carinho e amizade que não mudam nem com o tempo nem com a distância.

Às minhas grandes amigas, Ai Yuan, Lin Manlin, Qin Maomao, pela ajuda e companhia em todos os aspetos na vida e amizade para sempre.

Resumo

Existe uma longa história de comunicação entre a China e Portugal. Recentemente, os dois países cooperam mais, e mais frequentemente, nas áreas culturais, empresariais, económicas, comerciais, etc. Notícias sobre “o outro” têm aumentado gradual e sistematicamente, bem como a compreensão recíproca tem sido aprofundada e melhorada. Nas relações internacionais contemporâneas, a imagem dos países e das sociedades desempenha um papel cada vez mais significativo. Através dos diferentes meios de comunicação social formam-se e avaliam-se (infelizmente, nem sempre bem) culturas, economias, políticas, sociedades. Esta dissertação, com muita humildade, tenta abordar esta(s) temática(s) com alguma análise da imagem da China nos *media* portugueses, bem como a imagem de Portugal nos *media* chineses. Utilizam-se sobretudo dois documentários televisivos e diversos pequenos textos de jornais ou revistas que me foram surgindo como interessantes à medida que progredia no meu trabalho.

Abstract

There is a long history of communication between China and Portugal. Recently, the two countries have been cooperating with each other more and more frequently in culture, economy, trade, and so on. News on “the other” has increased gradually and systematically, and mutual understanding has been deepened. National image is playing an increasingly important role in contemporary international relationships. Thanks to increased media exposure about each other, people of both countries have had an impression and evaluation of the other states’ politics, economy, culture, society and so on (Unfortunately, the assessments are not all positive). This dissertation attempts to explore China’s image in Portuguese media and, conversely, Portugal’s image in Chinese media. The analysis includes two documentaries and several brief news reports from newspaper and magazines, which are interesting and appeared as my work develops.

摘要

中国和葡萄牙交往历史悠久，文化、商业、经济贸易和其它方面的合作日益频繁，两国对对方国家的新闻报道日益增多，相互了解也逐渐深入与完善。当前在国际关系中，一国的国家形象起着日益重要的作用。大众通过各种形式的媒体，逐渐对对方国家的政治、经济、文化、社会等方面情况形成了一定的综合印象和评价。本文分别从葡萄牙媒体展现的中国形象和中国媒体展现的葡萄牙形象两个角度出发，以分析两部纪录片及若干报纸或杂志的新闻为主，来窥探两国在对方国家媒体中展现的各方面形象。

Índice

Introdução	1
Capítulo I Conceitos Fundamentais	5
I.1 Alguns Conceitos	6
I.2 Conhecimento Recíproco entre os dois Povos desde os Primeiros Contactos no Séc. XVI.....	9
I.3 Situação dos <i>Media</i> nos dois Países.....	12
I.3.1 Situação dos <i>Media</i> na China	12
I.3.2 Situação dos <i>Media</i> em Portugal	15
Capítulo II O poder dos media em Portugal: Linguagem e Imagem de Portugal; análise de alguns aspetos	18
II.1 Documentário Televisivo "Portugueses pelo Mundo: Pequim e Macau"	19
II.1.1 Resumo do Conteúdo: Episódio em Pequim	20
II.1.2 Resumo do Conteúdo: Episódio em Macau	21
II.2 Imagem da China	23
II.2.1 A China como uma civilização antiga	24
II.3 Outros aspetos	36
II.3.1 Liberdade de Expressão	36
II.3.2 O Problema da Poluição	40
II.3.3 Incorrências e Ideias Feitas.....	45
Capítulo III O poder dos media na China: Linguagem e Criação de Imagem de Portugal; análise de alguns aspetos	51
III.1 Documentário - Ascensão de Grandes Nações – Primeiro Episódio - A Era da Navegação: Portugal e Espanha. (大国崛起 – 海洋时代: 葡萄牙, 西班牙,	

<i>dàguó juéqǐ - Hǎiyáng shídài: pútáoyá, xībānyá)</i>	52
III.2 A Objetividade Relativa do Documentário	54
III.3 A Análise de alguns aspetos históricos.	56
III.3.1 Contributos de Conhecimento e Tecnologia.....	56
III.3.2 País Católico	57
III.3.3 Objetivo e Interesses Económicos	59
III.3.4 País Unificado.....	60
III.3.5 Povo Aventuroso. Os Descobrimentos	61
III.3.6 Alguma análise crítica	63
III.3.7 O Reverso da medalha	65
III.4 Futebol de Portugal	69
III.5 Negativo ou menos positivo.....	74
Conclusão	78
Bibliografia	84
Weblinks	89
Anexos	92
Anexo I Texto original em chinês de “ <i>Ascensão de Grandes Nações: A Era da navegação</i> ”	93
Anexo II Quadro de Romanização vs Alfabeto Fonético Internacional	105

Índice de Figuras

Figura 1 Primeiro dicionário do mundo chinês-português	10
Figura 2 Sistema Político e Administrativo dos Media na China	14
Figura 3 Relações entre os <i>Media</i> Locais e organizações administrativas locais	14
Figura 4 Dados da Grande Muralha no vídeo	25
Figura 5 Dragão Chinês e Dragão Ocidental	31
Figura 6 Território da China na Dinastia Qin	32
Figura 7 Uma peça da série dos trabalhos <i>Miss Mao</i> de <i>Gao Brother</i>	37
Figura 8 O céu cinzento de Pequim	40
Figura 9 Notícia Sobre a Névoa de Pequim em Diário de Notícias	43
Figura 10 Notícia Sobre a Névoa de Pequim no site do Jornal de Notícias	44
Figura 11 Notícia sobre a poluição na UE no semanário Expresso	45
Figura 12 Notícia Sobre a Democracia da China no Público	46
Figura 13 Crítica à China no Expresso	49
Figura 14 Notícia: Futebol chinês precisa de aprender o português	73
Figura 15 Notícia sobre Pepe a receber o Prémio Artur Agostinho	74
Figura 16 Notícia sobre um jogo de futebol entre o Porto e o Benfica	75
Figura 17 Notícia sobre a visita a Portugal do Presidente Hu Jintao	76
Figura 18 Notícia Sobre a aquisição da posição da EDP pela China	76
Figura 19 Notícia sobre Algumas Medidas de Portugal para lidar com a crise económica	77

Introdução

Com o processo de globalização em curso e em crescendo, as comunicações entre países e sociedades dantes tão distantes e diferentes tornem-se mais e mais frequentes e intensas. Os meios de comunicação social, normalmente designados por *media*, desempenham um papel central em todo este processo complexo das relações internacionais e, não menos importante, interculturais e interpessoais. Nesta era de informação e comunicação intensas, pelo menos em termos quantitativos, temos, por um lado, demasiada informação cuja triagem em nada é fácil, e, por outro lado e agravando as dificuldades do fenómeno, diferenças linguísticas e culturais que se erguem como obstáculos acrescidos para a escolha e compreensão de toda a informação disponível.

Podemos verificar ainda que a prática de tradução no âmbito dos *media* tem um papel fundamental na comunicação e compreensão entre diferentes comunidades, mas, muitas vezes, sobretudo devido a diferenças e distâncias ideológicas e culturais, a tradução menos cuidadosa ou aturada provoca quase inevitavelmente "ruído", ou seja, desentendimento.

Desde o(s) primeiro(s) contacto(s) entre Portugal e a China passaram já quase 500 anos de história. Ao longo destes séculos, tão ricos de uma experiência porventura única em termos de relacionamento quase sempre harmonioso entre duas sociedades e culturas aparentemente tão distintas e distantes, embora com percursos históricos muito diferentes, os contactos foram constantes.

Neste trabalho tentarei dar como exemplos, algo avulsos, matéria documental (televisiva, assim como texto escrito em jornais e revistas, e internet) que possam servir, enquanto meios de comunicação social, para alguma análise de conteúdos e do uso da língua e da linguagem ideológica e culturalmente influenciadas, numa perspectiva intercultural Portugal/China.

Neste quadro de referências, tentarei realçar alguns aspetos da imagem recíproca das duas sociedades, dum ponto de vista da transcultura e da translíngua, nisto abarcando a história, a sociedade, a economia, etc.

Ao longo do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, na Universidade do Minho, obtive muitos conhecimentos sobre a sociedade portuguesa, bem como uma visão contrastiva e transcultural de como a China é vista pelos portugueses e, porque não referir?, de como Portugal e o Ocidente são vistos pelos chineses. Constatei uma grande simpatia e curiosidade por parte dos portugueses sobre a China, mas com um conhecimento muito superficial. Vez em vez, aquando de notícias sobre a China em jornais e/ou programas televisivos, com muita informação pouco completa (sendo que o pouco completo muitas vezes implica pior do que errado!), vez em vez com erros relevando de uma enorme ignorância. Não apenas isto me sensibilizou, como me sensibiliza o quanto melhorei o meu entendimento sobre Portugal e a(s) sociedade(s) ocidental(ais) em geral, de tudo isto surgindo a apetência por uma mais profunda reflexão sobre esta(s) matéria(s), o que tentarei neste meu trabalho.

A presente dissertação será dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, tentarei melhor compreender alguns conceitos fundamentais como “media”, “documentário”, “imagem” etc., termos consultados em dicionários e enciclopédias. Abordarei também alguns aspetos fundamentais para este meu trabalho, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento recíproco (ou não) entre chineses e portugueses desde os primeiros contactos havidos, ou seja também numa perspetiva histórica. Neste seguimento, propus distinguir períodos diferentes nos quase cinco séculos de história comum, conforme as características específicas que cada um. Faço também uma referência genérica à situação dos *media* de hoje na China e em Portugal, situações muito diferentes.

O documentário é um tipo de comunicação com um grande potencial de informação,

combinando imagem e som, incluindo texto, embora, em muitos casos possa tender para alguma superficialidade. Seja como for, penso ser um tipo de documento de grande divulgação e de relativamente fácil compreensão. É com estes pressupostos que, no Capítulo II, procuro descrever e comentar um documentário televisivo sobre a China, feito por Portugal: “Portugueses pelo Mundo” (episódios sobre Pequim e sobre Macau). Pensei ser um documento-base, representativo de alguma imagem (uma entre muitas outras possíveis), relativamente completo e objetivo, da China em Portugal. Tentarei resumir e analisar alguns aspetos do referido documentário, com alguns comentários e esclarecimentos. Também escolherei algumas notícias sobre a China em jornais portugueses, tendo em consideração a relevância da imprensa escrita, diária ou semanal. Serão com estas ferramentas que tentarei espelhar o melhor possível a ideia que os *media* portugueses transmitem da China.

No terceiro capítulo deste meu trabalho tentarei utilizar a mesma metodologia, mas agora no que diz respeito à imagem que os *media* chineses transmitem sobre Portugal, a sua história e a sua atualidade. Também escolho um documentário televisivo produzido pela CCTV¹ intitulado “Ascensão de Grandes Nações” (Episódio 1: A Era da navegação), bem como algumas notícias sobre Portugal em jornais chineses. De todo este material tentarei fazer resumo(s) e análise(s).

É meu humilde desejo que este trabalho possa ser útil para portugueses que estudem chinês ou chineses que estudem português, ou por quantos se possam interessar por esta temática, ou também, nem que a uma mínima dimensão, assim melhorando uma, penso eu, já muito boa compreensão entre as duas sociedades, os dois povos, os dois países.

¹ Canal Público de Televisão Chinês. NdA.

Capítulo I

Conceitos Fundamentais

I.1 Alguns Conceitos

A China e Portugal, embora sejam dois países com quase 500 anos de os mais diversos tipos de relações, nem sempre as melhores, muitas vezes muito boas, são sociedades naturalmente separadas por distância geográfica e diferença linguística. Sabemos que em séculos passados, tenham sido jesuítas, tenham sido navegadores, muitos portugueses chegaram a terras chinesas e delas trouxeram muitas notícias, por vezes fantásticas, sobre aquele então desconhecido império.

Desde aí alguns textos sobre a China daquele tempo foram já obra de portugueses. Por exemplo, o humanista e teólogo português, Jerónimo Osório², escreveu na sua obra *De Glória* que “afirmam que dificilmente haverá algum povo que na grandeza das suas cidades ou na beleza dos seus edifícios, ou no nível de vida e de cultura, ou no amor ardente às artes, possa ser comparado à nação chinesa”³

João Torrão comentou ainda que:

*É este amor ardente às artes e à cultura que Osório vai passar a desenvolver ao sublinhar a importância (...) A generalidade dos dados que tivemos oportunidade de considerar remetem-nos para um sentimento de admiração quase unânime pelo povo chinês, em que se reconhece, nomeadamente, uma clara superioridade deste povo em termos técnicos e na aplicação de justiça.*⁴

O grande historiador português João de Barros escreveu na sua obra *Décadas da Ásia* que:

² Jerónimo Osório da Fonseca (Lisboa, 1506 - Tavira, 20 de Agosto de 1580) foi um humanista e teólogo português. Publicou várias obras, das quais se destacam *De Nobilitate Civile Et Christiana* (1542), *De Gloria* (1549), *De Justitia Coelesti* (1564) e *De Vera Sapientia* (1578). Informações obtidas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B3nimo_Os%C3%B3rio, consultadas a 8 de setembro de 2012.

³ Apud TORRÃO, 1991, 459 – 460.

⁴ Idem, Ibidem.

*E bem como os gregos, em respeito de si, todalas outras nações haviam por bárbaras, assi os chins dizem que eles tem dous olhos de entendimento acerca de todalas cousas, nós, os da Europa, depois que nos comunicaram, temos um olho, e todalas outras nações são cegas. E verdadeiramente quem vir o modo de sua religião, os templos desta sua santidade, os religiosos que residem em conventos, o modo de rezar de dia e de noite, seu jejum, seus sacrifícios, os estudos gerais onde se aprende toda ciência natural e moral, a maneira de dar os graus de cada ua ciência destas, e as cautelas que tem pera não haver subornações e terem impressão de letra muito mais antiga que nós, e sobre isso o governo de sua república, a mecânica de toda obra de metal, de barro, de pau, de pano, de seda, haverá que neste gentio estão todalas cousas de que são louvados gregos e latinos.*⁵

Bom ou mau, justo ou injusto, ingênuo ou nem tanto, o imaginário sobre a China já estaria a ser formada pelos *media* de então.

Atualmente temos meios mais eficazes de informação e compreensão sobre o outro, neste caso a China, que relevam da comunicação social: internet, televisão, jornais e rádio, tudo instrumentos de comunicação globalizada, ou seja, *mass media*⁶.

A nossa imagem sobre o outro, como Kenneth E. Boulding refere,

deve ser pensada como uma estrutura globalmente cognitiva, afetiva e avaliativa da sua unidade de comportamento, e do seu

⁵ <http://www2.crb.ucp.pt/historia/barros%20china.pdf>, consultado a 25 de julho de 2012.

⁶ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_comunica%C3%A7%C3%A3o_social, consultado a 25 de julho de 2012.

*ponto de vista interno de si próprio e do seu universo. (...) A imagem é sempre, de alguma forma, um produto de mensagens recebidas no passado. Não é, de qualquer modo, um simples inventário ou 'pilha' de tais mensagens, mas uma parte altamente estruturada de capital de informação, desenvolvida em parte pela sua entrada e saída de informação e, em parte, pelas mensagens internas e suas leis de crescimento e estabilidade.*⁷

Os *media* contribuem, naturalmente, para a formação da imagem de uma determinada sociedade. Através de qualquer consulta a um vulgar dicionário, os *media* são meios de difusão, distribuição ou transmissão de mensagens escritas, visuais, sonoras, tais como a imprensa, o cinema, a radiodifusão, a teledifusão, a telecomunicação, tudo meios de comunicação social⁸, de difusão e informação massificadas que se assumem simultaneamente como expressão e intermediário de mensagem e intenção ou ação sobre grupos sociais

Hoje em dia, o trabalho exercido sobre a imagem de um país ou sociedade é parte integrante e importante da sua integração no contexto global. O termo mais usado atualmente para esse trabalho de “tratamento de imagem”, e não só, é *soft power*, ou seja, “a habilidade de um corpo político, como um Estado, influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos”⁹, Este conceito e esta estratégia têm vindo a ganhar relevância crescente e a ser objeto de financiamentos consideráveis na prossecução *soft* dos interesses dos países e das sociedades em concorrência política e económica a nível mundial. Um excelente exemplo do que acabo de referir será o fulgurante e extremamente rápido

⁷ 1959, 121. *The national image, must be thought of as the total cognitive, affective, and evaluative structure of the behavior unit, or its internal view of itself and its universe. (...) The image is always in some sense a product of messages received in the past. It is not, however, a simple inventory or "pile" of such messages but a highly structured piece of information-capital, developed partly by its input and outputs of information and partly by internal messages and its own laws of growth and stability.*

⁸ Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2001, Volume II, 2316.

⁹ *Soft power*, ou poder brando, o termo foi usado pela primeira vez pelo professor de Harvard Joseph Nye. Desenvolveu o conceito no seu livro de 2004, *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (*Soft Power: Os Meios para o Sucesso na Política Mundial*). Informações obtidas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Soft_power, consultadas a 14 em junho de 2012.

proliferar de Institutos Confúcio pelo mundo.

Neste trabalho, entre os meios de comunicação social, darei mais atenção a conteúdos jornalísticos (em suporte papel e informático: sítios na Net) e/ou documentários televisivos. As notícias renovam-se rapidamente. São importantes fontes os eventos da atualidade, artigos informativos, editoriais, etc. Também, documentários televisivos, muitas vezes apresentados em salas de cinema antes do filme cabeça de cartaz¹⁰, ou “filmes geralmente de curta ou média metragem, de carácter informativo, em que se registam e documentam factos, situações da vida real.”¹¹ A característica ou exigência mais importante dos noticiários será a atualidade imediata, enquanto que o mesmo se não dirá dos documentários, onde o que mais se exigirá será a profundidade e seriedade dos conteúdos de informação e divulgação. Sobre todas estas temáticas e sobre todo este tipo de materiais irei tentar dar alguma informação e desta tirar algumas conclusões.

I.2 Conhecimento Recíproco entre os dois Povos desde os Primeiros Contactos no Séc. XVI

A história das relações luso-chinesas é mais longa do que a mesma entre a China e outros países europeus. Desde o primeiro contato, há já quase 500 anos, este longo processo histórico pode ser geralmente dividido em quatro grandes períodos, como segue¹²:

- i. Desde o início do Séclo XVI até os portugueses se estabelecerem em Macau no ano 1553, período em que tanto a China como Portugal não estavam em posse de conhecimentos suficientes sobre as respetivas sociedades, assim como sobre o quadro legal em que poderiam interagir. A comunicação não correu bem. Para

¹⁰ Cf. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1996, Volume II, 455.

¹¹ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2001, Volume I, 1298.

¹² Embora em *500 anos de Diplomacia Sino-Portuguesa* (中葡政治外交 500 年, *Zhōng pú zhèngzhì wàijiāo 500 nián*), o artigo do autor chinês Huang Qinghua, se refira uma divisão em três períodos, considere mais interessante a esquematização que proponho em cima. NdA.

abrir rotas comerciais, os portugueses infestavam extensas zonas do litoral da China, contrabandeando e colaborando com a pirataria instalada. Note-se que o poder de fogo português era então superior ao chinês. Cada parte tateava a atitude e a força da outra. O(s) governo(s) da Dinastia Ming respondia(m) lentamente e com dificuldade de adaptação às exigências de uma nova era de relações diplomáticas, em nada consentâneas com o velho princípio de vassalagem e de um ministro dos estrangeiros inexistente, em que as suas putativas funções eram exercidas por um “Ministro dos Ritos”! Todo o desenvolver deste processo terá sido lento;

- ii. O segundo período mediará entre o estabelecimento dos portugueses em Macau até às Guerras do Ópio, período em que estes obtiveram o direito de residir e construir em Macau. Uma certa normalização do comércio entre os dois países desenvolveu-se gradualmente, com sede em Macau. Mas o território de Macau ainda pertencia formalmente ao governo chinês. Os portugueses pagavam tributo. A relação bilateral era estável. Neste período, um padre italiano famoso, Matteo Ricci, compilou o primeiro dicionário chinês-português do mundo.

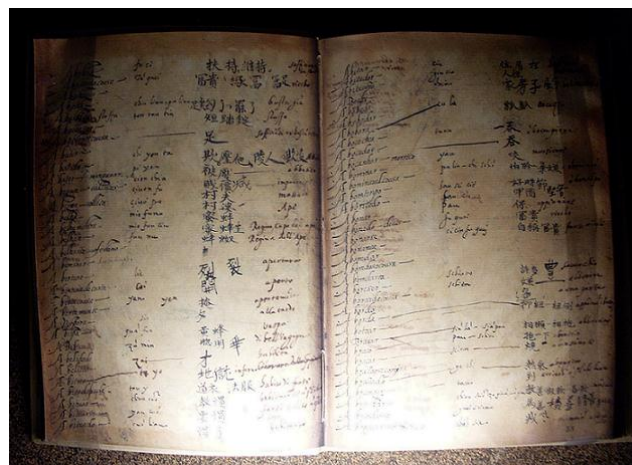


Figura 1 Primeiro dicionário do mundo chinês-português

- iii. Um terceiro período terá tido início com a Guerra do Ópio e termo na Revolução dos Cravos, em Portugal. Durante este terrível período da história da China verificou-se uma forte intervenção das potências ocidentais, e do Japão,

na política interna chinesas, designadamente com intervenção militar e adoção de extraterritorialidade nos mais variados locais, sobretudo portuários, mas não só, em território chinês. A política diplomática chinesa era muito frequentemente incapaz de se auto afirmar, vendo-se forçada a acordos extremamente desiguais, sobretudo no rescaldo de conflagrações armadas, por vezes impostas do exterior, por vezes decorrentes de péssimas políticas internas e externas, sobretudo no que se refere aos últimos estertores da Dinastia Qing e aos anárquicos tempos da república da primeira metade do século passado. Ter sido neste contexto internacional que Portugal ganhou gradualmente soberania colonial sobre Macau.

- iv. Com a Revolução dos Cravos e a Constituição Portuguesa aprovada em 1976, Macau passou a ser considerado território chinês sob administração portuguesa, até que, após o restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países e longas e amigáveis conversações, em 1999 esta cidade passou definitivamente para administração chinesa com o regime jurídico e constitucional de Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Desde então, as relações políticas, comerciais e culturais têm sido cada vez mais frequentes. A China tem investido em empresas portuguesas têm tentado, com mais ou menos sucesso, negociar na China. Na área cultural, Portugal tem instalado vários Centros Culturais, no âmbito da atividade do Instituto Camões, em diferentes cidades chinesas, e, mais recentemente, dois Institutos Confúcio foram também estabelecidos em Portugal.

Hoje em dia, as tecnologias de informação e comunicação estão, como se sabe, incrivelmente avançadas. O mundo é uma aldeia, como se diz recorrentemente, sendo porventura assim melhor a possibilidade de conhecimento e reconhecimento do “outro”. Os *media*, naturalmente, para isso contribuem. No entanto, as diferenças culturais e alguma superficialidade na sua abordagem e estudo, o que mais se vê nos meios de comunicação social é incompleto e/ou incorreto.

Neste trabalho, gostaria de elaborar alguma análise e compreensão sobre conteúdos um pouco aleatoriamente encontrados nos *media*, tanto chineses sobre Portugal como portugueses sobre a China, enquanto uma aluna chinesa de mestrado a estudar em Portugal.

I.3 Situação dos Media nos dois Países.

Os diferentes sistemas políticos e as diferentes idiossincrasias das duas sociedades em estudo implicam necessariamente diferentes tratamentos de imagem e estratégias distintas ao nível do já referido *soft power* (nunca deixando de ter em consideração a enorme distância entre aquelas em termos de escala; ou seja, a China, com alguma facilidade poder-se-á comparar com sociedades como as da Índia, do Brasil, dos Estados Unidos ou da União Europeia, mas muito dificilmente com Portugal). Assim mesmo, gostaria de desenvolver neste meu trabalho algumas tentativas contrastivas entre os dois países que de momento mais me interessam, o meu país de origem a China, e o país onde estudei e onde realizo este trabalho, Portugal.

I.3.1 Situação dos Media na China

Na China, a “indústria” dos *media* está num processo muito rápido de desenvolvimento, com uma tendência cada vez mais forte de massificação e mercantilização. Em certa medida, este desenvolvimento acelerado tem permitido, ou exigido, alguma gradual melhoria política das suas condições de atuação (refiro-me aqui a um considerável avanço em termos de liberdade de expressão e informação, embora contida), cada vez mais flexíveis e com tecnologias cada vez mais avançadas.

Na China, o número de espetadores de televisão, e utentes da internet e de todos os outros meios de comunicação móvel, ultrapassa todas as outras sociedades ao nível global. O rendimento da indústria publicitária cresce rapidamente. Os meios de comunicação tornam-se bens de consumo quase imprescindíveis (pelo menos nas zonas

urbanas) com uma taxa de crescimento que ultrapassa tudo o resto também a nível global. A maior parte destes utentes situa-se numa faixa etária abaixo dos trinta anos de idade.

Comparados com os *media* ocidentais, os meios de comunicação social chineses têm uma dimensão política de orientação estatal, ou seja, sob orientação, relativa mas evidente, por parte do Partido Comunista. Muito resumidamente, o sistema e gestão política dos *media* na China é estabelecido e/ou controlado por instituições governamentais ou afins. Por exemplo, as televisões são todas estatais. No que respeita a jornais, revistas, e rádios, embora existam também na órbita do privado, todos estão sujeitos a controlo indireto estatal e censura. No âmbito do governo central há três organizações que respondem pelos diferentes meios de comunicação social. Os *media* locais são administrados verticalmente por dependências locais sob a orientação hierárquica do poder político legal, embora também dependendo transversalmente dos governos locais, aos mais diversos níveis.

Para uma melhor compreensão do que tento aqui esclarecer, proponho um diagrama como segue, referente ao que afirmei como “administração vertical”:

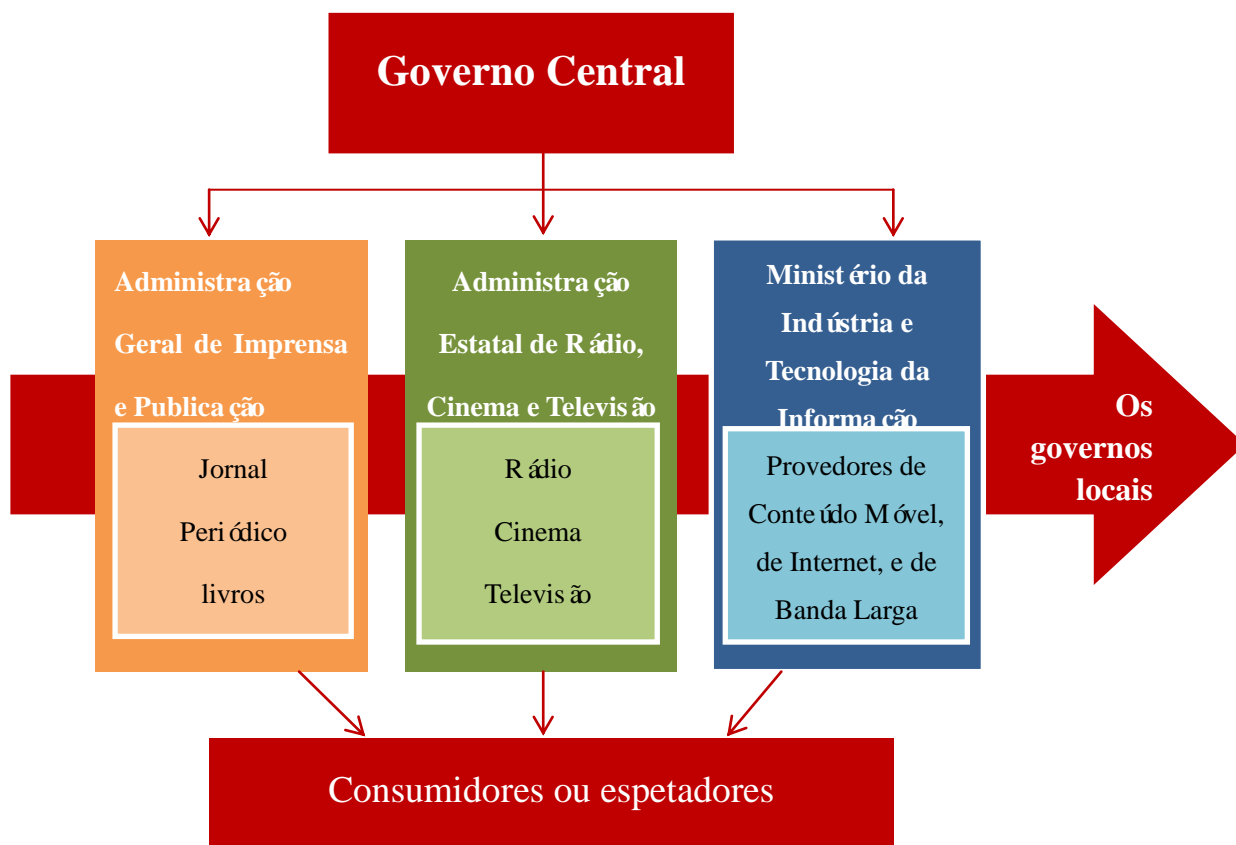


Figura 2 Sistema Político e Administrativo dos Media na China ¹³

Já não se refere a uma dependência transversal por parte dos governos locais, o diagrama seguinte poderá ajudar a compreender a sua estruturação, como segue:

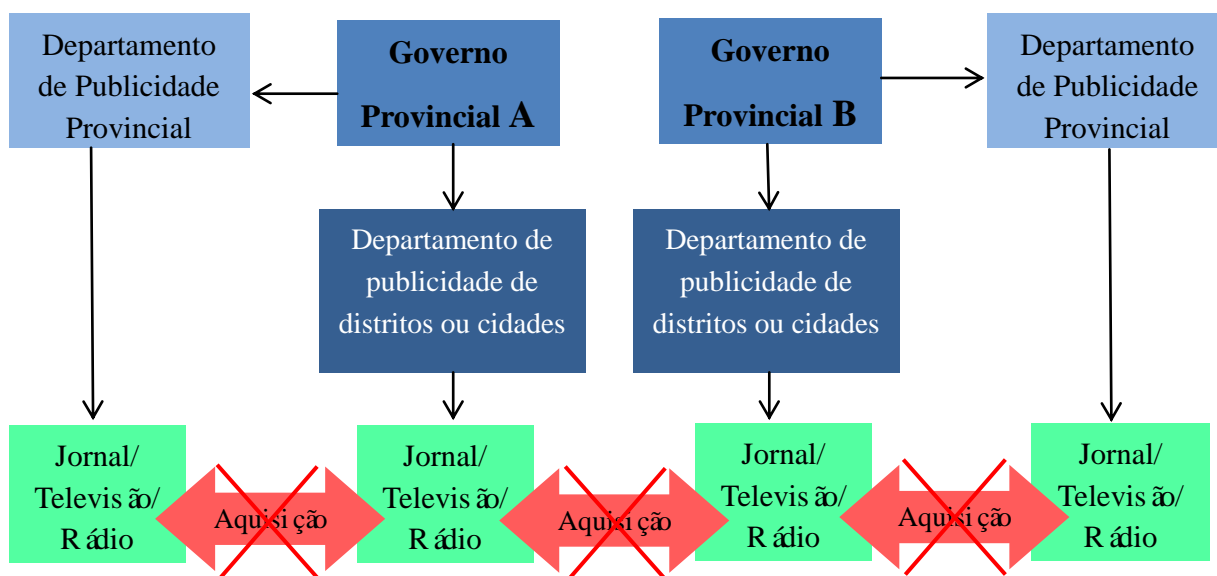


Figura 3 Relações entre os Media Locais e organizações administrativas locais ¹⁴

¹³ Cf. <http://wenku.baidu.com/view/26fcc9d13186bceb19e8bb45.html>, consultado a 27 de Outubro de 2012.

Podemos compreender, com a visualização dos diagramas propostos, o quanto há nestes modelos administrativos e de controlo político, não apenas a forte probabilidade de algumas funções sobrepostas, com o consequente desperdício de recursos, quer ao nível dos próprios *media*, quer da estrutura administrativa em geral, como também o controlo administrativo e político existente, com o que isso significa de liberdade de expressão limitada. Assim, a autenticidade e independência dos *media* chineses é razoável e justificadamente questionada. Convém porém notar que, num passado muito recente, os *media* chineses estiveram totalmente dependentes do poder político do Partido político e sem qualquer credibilidade, fazendo com que aos *media* chineses não se colocasse a questão. Nos anos mais recentes, as políticas gerais e Nos anos mais recentes, as políticas gerais e setoriais tiveram uma evolução de relativa flexibilidade, embora sem que a autoridade política, conforme já referido e do modo esquematizado nos diagramas propostos, tenha perdido totalmente o controlo sobre os meios de comunicação e da sociedade em geral. Os conteúdos mediatizados que possam afetar a estabilidade e harmonia sociais, ou destabilizar o regime, sendo que o como e o quando tal sucede fica ao critério do poder político, são sistematicamente limitados em termos de divulgação livre e aberta, o que significa censurados. Sobre este(s) problema(s) tenciono escrever algo mais detalhadamente na parte seguinte deste trabalho. A alteração do atual estado de situação necessitaria dum processo de liberalização mais rápido, o que implicaria uma reforma do sistema político no sentido de uma maior abertura e democratização, neste particular, libertando o desenvolvimento e a promoção do valor e da validade dos *media*.

I.3.2 Situação dos *Media* em Portugal

A situação dos *media* na China é como se viu, bem diferente da dos meios de comunicação nos países ocidentais, como Portugal.

¹⁴ Idem.

Tentei elaborar um quadro em que apresento as principais diferenças, como segue:

Comparação Entre os *Media* Chineses e Ocidentais

Os <i>Media</i> chineses	Os <i>Media</i> Ocidentais
Há poucas notícias de importância e crítica severa	Há muitas notícias de crítica e reportagens seguidas
Prefere-se dar notícias sobre polêmicas macroscópicas	Prefere-se dar notícias sobre assuntos preocupantes e instantâneos
Os <i>media</i> pertencem ao governo	Os <i>media</i> são privados

Antes da chamada Revolução dos Cravos, infelizmente por um período de quase meio século, existiu também censura em Portugal. O país foi sujeito a leis de imprensa que limitavam gravemente a liberdade de expressão. Houve jornalistas e intelectuais presos ou perseguidos devido às suas opiniões expressas e publicadas contra o discurso oficial do Estado¹⁵. Mas, depois de abril de 1974, a Censura foi abolida. Na Constituição Portuguesa de 1976, a liberdade de expressão, informação e imprensa foi devidamente contemplada. Desde então, a liberalização e privatização dos *media* portugueses foi sendo mais e mais aperfeiçoada, desenvolvida, aprofundada, embora, evidentemente, em nenhuma sociedade do mundo haja uma total e desvinculada liberdade ao nível de comunicação social. Na Constituição Chinesa também há um quadro legal relativo à comunicação social com aspetos interessantes e, porventura, surpreendentes, em termos de liberdade de expressão, mas também com articulado suficiente que permite que a sua aplicação possa ser muito restritiva.

O mais importante é que, em Portugal, todos os *media* são privados, à exceção da RTP, que tem o Estado como único acionista, mas não significando isso que a RTP pertença ao governo. O governo não tem o direito de intervir na escolha e difusão das notícias ou outros conteúdos televisivos (embora todos os governos tenham essa tentação). Em Portugal não há um controlo político e administrativo algo complexo, como tentei

¹⁵ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Censura_em_Portugal, consultado a 23 de dezembro de 2012.

exemplificar com os diagramas acima apresentados, sobre os meios de comunicação social, mas existe sim uma Entidade Reguladora para a Comunicação Social ¹⁶ com o direito de regulação e supervisão dos meios de comunicação social, instituição esta independente do Governo. A liberdade de expressão em Portugal é assim, muito razoavelmente assegurada (embora não totalmente, como nunca poder áser).

Em conclusão, é indiscutível o pluralismo em geral da sociedade e em particular dos órgãos de comunicação social em Portugal. Mais uma vez, isto não exclui fortes pressões de toda a ordem sobre estes, o que, mais ou menos, não deixam de constituir constrangimentos a uma liberdade de expressão ideal. Todavia, estes constrangimentos, provenientes de interesses muitas vezes contraditórios ou mesmo antagónicos, podem ter um efeito de um relativo equilíbrio ou recíproco. Assim, a liberdade de expressão e a credibilidade dos *media* estão mais salvaguardadas.

No atual contexto de crise económico-financeira mundial e nacional, o sector da comunicação social não tem sido poupado a efeitos menos positivos e constrangimentos de ordem financeira, mas, por outro lado, também se pode pensar que momentos de crise possam ser momentos de grande criatividade.

¹⁶ Cf. <http://www.erc.pt>, consultado a 23 de dezembro de 2012.

Capítulo II

O poder dos *media*:
Linguagem e Imagem de Portugal;
análise de alguns aspetos

Como referido, a China e Portugal possuem regimes políticos diferentes, o que, naturalmente influencia diretamente a função e o estilo da comunicação social. Por outro lado, uma visão recíproca entre os dois povos, que muito tem que ver com a história e as relações entre os dois países, está também presente nos conteúdos dos respetivos *media*.

Para compreender como os portugueses veem a China através dos *media* (análise de algumas reportagens), tentarei aqui analisar um documentário português relativo à China, bem como alguns textos e fontes também portuguesas.

II.1 Documentário Televisivo "Portugueses pelo Mundo: Pequim e Macau"

A série de documentários “Portugueses pelo Mundo” foi lançada pela Rádio Televisão Portuguesa (RTP) entre 2010 e 2012. Desde 19 de Junho de 2010 transmitiu-se um episódio por semana, na RTP1. Conta-nos como é a vida dos Portugueses que atravessaram a fronteira e viveram noutras terras em todo mundo, tais como Sydney, na Austrália, Nova Iorque, nos Estados Unidos, etc. Mostram cidades por todo o mundo onde portugueses decidiram assentar arraiais. Captura cenas quotidianas reais, misturando um programa de tipo documental com um estilo de crónica de viagens. É composto por cinco séries distribuídas por 57 episódios. Tratou-se de uma iniciativa de grande alcance e ambição. Entre estes episódios há dois sobre a China, um sobre Pequim e o outro sobre Macau. Pode consultar-se o episódio de Macau ¹⁷ e de Pequim ¹⁸ no *site* da RTP.

Os episódios são dedicados à capital da China e à Região Administrativa Especial de Macau. Contam com quatro ou cinco portugueses de diferentes profissões e proveniências, habitando estas cidades e assumindo-se, como autênticos cicerones das

¹⁷ Cf. <http://www.rtp.pt/blogs/programas/portuguesespelomundo/?k=Portugueses-pelo-Mundo---Macau.rtp&post=24588>, consultado a 15 de julho de 2012.

¹⁸ Cf. <http://www.rtp.pt/blogs/programas/portuguesespelomundo/?k=Programa---Pequim.rtp&post=19429>, consultado a 15 de julho de 2012.

suas culturas, património e gastronomia locais, guiando-nos pelas suas preferências e segredos.

II.1.1 Resumo do Conteúdo: O Episódio em Pequim

As informações, incluindo o nome, a idade, a terra natal e a profissão, dos 5 apresentadores foram dadas logo no início do episódio. Cada um deles apresentou diferentes e variados aspetos de Pequim que porventura mais os seduziam, sendo posteriormente esses fragmentos de testemunhos encadeados e montados pela programação num único episódio.

a) Nuno Batista, 24 anos, Oeiras, Gestor/Produtor

O Nuno foi para a China devido a um projeto académico de um seu professor. Foca-se prioritariamente em aspetos turísticos da Praça de Tiananmen, designadamente com o ritual, levado muito a sério pelas autoridades, do hastear da bandeira. Relata-se o quase espetáculo de idosos já aposentados a executar os mais variados exercícios físicos nos parques ou nas praças, por exemplo Espada de Tai Chi (太极刀 *Tàijí Dāo*). Dá-nos também conta de uma escola de língua chinesa, institutos de massagens executadas por invisuais, assim como a vida noturna nos bares, nas discotecas ou nos *karaoke*.

b) Renato Roldão, 31 anos, Marinha Grande, Consultor

O Renato está na China há 10 anos e guia-nos até à Grande Muralha, o fio turístico por excelência e mercado de todas as coisas, especialmente marcas famosas contrafeitas. Não haverá quem lá vá que se não divirta. Reconhece a grande dificuldade em comprar casa na China e as complicadas condições de habitação, a forte e acelerada industrialização com a consequente e séria poluição. Refere ainda o forte espírito coletivista dos chineses.

c) Vera Penêla, 30 anos, Cascais, Jornalista

Vera narra o trabalho dela como jornalista e o problema da liberdade de expressão na China. Recomenda um mercado de antiguidades, um clube luxuoso, e a famosa zona de arte moderna. Adapta-se bem à vida em Pequim, sobretudo devido à sua recente e fantástica modernização.

d) Ricardo Bizarro, 33 anos, Paço do Botão, Chefe de Cozinha.

O Ricardo gosta de exibir petiscos da comida chinesa na cozinha dum restaurante e num mercado de marisco. Os escorpions e aranhas fritos foram para ele uma enorme surpresa. Interessa-se também pela compra e venda dos grilos para luta. É um divertimento e jogo tradicional.

e) Sofia David, 32 anos, Sintra, Arquiteta

A Sofia aprecia sobretudo a Cidade Proibida, o Palácio de Verão, e as casas típicas em Pequim, como sejam os famosos Siheyuan (四合院 *s h é yu àn*)¹⁹. Fala também acerca do que considera uma característica do pensamento chinês que tem os rapazes por superiores às raparigas. Sente-se à vontade com os chineses e acha interessantes e atraentes os caracteres chineses. Mas o trânsito tão intenso não lhe agrada.

II.1.2 Resumo do Conteúdo: Episódio em Macau

Todas as informações sobre os quatro entrevistados e testemunhas foram também obtidas logo no início do episódio. Estes referiram variadas aspetos de Macau, assim como algumas considerações sobre Hong Kong. Os diferentes testemunhos são organizados e apresentados de mesma forma e com a mesma metodologia do episódio de Pequim.

a) Afonso Pessanha, 29 anos, Viseu, Designer

O Afonso guia-nos até às Ruínas de S. Paulo e à Câmara Municipal de Macau.

¹⁹ Não tem tradução possível, ou, pelo menos, aceitável. NdA.

Mostra uma livraria e um estúdio de arte a que costuma ir. A população de Macau é grande e muito densamente concentrada. Ele joga boxe para relaxar. Participa com frequência em festas que juntam pessoas provenientes dos mais diversos e variados países. Acha que Macau é uma terra generosa.

b) João Francisco Pinto, 41 anos, Vila Franca de Xira, Jornalista

O João mostra-nos, na perspectiva dum apartamento de um arranha-céus chamado “Torre de Macau” um maravilhoso panorama da cidade, incluindo os edifícios mais antigos, ainda do tempo da administração portuguesa, como o Hotel Lisboa, os inúmeros casinos, a nova zona aterrada, e tudo o resto. Explica-nos as razões por que foi para Macau e a sua situação profissional como jornalista. O Mercado Vermelho é famoso e desperta sempre curiosidade pelo facto de costumar vender animais vivos. Há muitos vestígios e referências portuguesas em Macau. Fala também acerca da economia de Macau e da astronómica receita dos casinos, tão importante para aquele território.

c) Sara Silva, 26 anos, Cascais, Professora de Dança

A Sara conta as suas experiências na área da dança. Estuda conscienciosamente mandarim, acha que lhe vai ser útil, e com muita razão. Fala na situação dos transportes em Macau. A sua residência é em Hong-Kong. Ela tem uma representação comercial das Filipinas e comenta o facto das muitas falsificações de marcas de luxo vendidas em Hong Kong.

d) Goreti Lima, 37 anos, Lisboa, Psicóloga

A Goreti gosta muito do Farol da Guia, onde nos leva. Acha que o pensamento dos chineses é diferente dos ocidentais, nomeadamente o seu entendimento sobre o papel das mulheres e as crianças. Lembra o costume de embrulhar a comida que sobra, quando se vai a um restaurante, para levar para casa²⁰, o que raramente

²⁰ 打包 dǎbāo.

acontece em Portugal. Foi ao Templo Tam Kung (譚公廟 *Tán Gōng miào*) e executou um ritual de chamamento de sorte. Nos seus tempos livres vai às vezes fazer massagem aos pés (足疗 *zú lì áo*).

II.2 Imagem da China

Embora nesta série só haja referências a duas cidades chinesas, Pequim e Macau, penso que estas podem representar muito da China para o imaginário dos portugueses, sendo que a capital é Pequim, a cidade chinesa naturalmente mais conhecida, e Macau tem muito a ver com a história de Portugal. Pequim, para os portugueses, assim como para o resto do mundo, tem referências ou ícones incontornáveis, como por exemplo, a Ópera de Pequim ou a Cidade Proibida. De facto, é assim mesmo.

Como se sabe, a China é o terceiro ou quarto maior país do mundo ²¹, em termos de território e o mais populoso, incluindo um grande número de etnias minoritárias. Assim sendo, tudo o que seja tentativa contrastiva entre as duas sociedades, a portuguesa e a chinesa, deve sempre ter em atenção um enorme contraste em termos de escala. Pelas mesmas razões, e também por razões de ordem histórica, comparar Macau e Pequim é no mínimo, complicado. Porém, a essência ou a alma do povo chinês tem uma considerável unidade, apesar da extensão do seu território e da sua numerosa população.

Para os portugueses, além de Pequim, Macau também é um ícone importante para a sua imagem sobre a China, porque esta cidade foi por quase cinco séculos de história parcialmente administrada por Portugal. Atualmente, ainda vivem em Macau muitos descendentes de portugueses de longa data fixados em Macau, assim como novos residentes provenientes de Portugal.

²¹ Cf. http://www.newworldencyclopedia.org/entry/List_of_countries_and_outlying_territories_by_total_area, consultado em 25 de julho de 2012

Nas páginas seguintes, tentarei comentar os conteúdos e o uso da linguagem em alguns aspetos desta série televisiva, incidindo sobre o como os portugueses vêem e descrevem a sociedade chinesa, ensaiando alguma correção sobre “ideias feitas” com informação mais aprofundada, no sentido também de compreender os efeitos destas reportagens nos espectadores portugueses.

II.2.1 A China como uma civilização antiga

Quanto à China, temos sempre que ter em consideração a sua longa história. Milhares de anos de história deixaram, como não poderia deixar de ser, uma enorme herança, no duplo aspeto espiritual e material, para o melhor e para o menos bom. Embora no processo de mudança e avanço históricos muito se tenha perdido, ou muito tenha evoluído, feliz e inevitavelmente, muito também se tem conservado até aos dias de hoje.

1. A Grande Muralha e o seu Significado

Todos os anos, turistas das mais variadas proveniências visitam a China, nomeadamente na procura de locais do maior interesse histórico. Para os portugueses, estes locais turísticos e históricos parecem-lhes exóticos e atraem a sua curiosidade. No documentário que analisei, os apresentadores mostram os protagonistas de Pequim e Macau em sítios turísticos como a Grande Muralha, o Templo do Céu, a Cidade Proibida, o Palácio de Verão e o Templo de Tam Kung em Macau. Cada monumento tem a sua história e o seu significado na memória dumanação.

No referido documentário, Renato Roldão descreve a Grande Muralha como segue:

Neste momento estamos numa secção da muralha da China. Esta secção é Huanghuacheng, que fica a cerca de 70/80 km de Pequim. A muralha da China demorou alguns anos a ser construída, é uma

*muralha extensa. Mas, ao contrário do que, às vezes, as pessoas pensam não é contínua. Portanto o que nós encontramos não é uma muralha longa, em toda a sua extensão, mas dividida em secções. Era uma muralha para proteger das invasões dos povos do Norte. É uma demonstração, também, de poder, de construção de uma obra desta magnitude. A muralha é toda íngreme, porque a muralha acompanha a inclinação do relevo da montanha. Tendo em conta o tamanho médio dos chineses, estes degraus são, de facto, bastante difíceis de subir. Custa bastante! Esta parte é uma das mais inclinadas... Mas acho que é mais giro, chegar aqui acima e ver este ambiente um bocadinho mais descansado.*²²

Este depoimento foi, no entanto, acompanhado de um conjunto de informações que apresento de seguida:



Figura 4 Dados da Grande Muralha no vídeo

Renato apresenta brevemente o que ele viu e sentiu na Grande Muralha, acompanhado de imagens com referências ou dados como os acima exemplificados. Acontece porém que há claras incorreções. O ano em que a obra se iniciou e o número de trabalhadores

²² Citado diretamente do programa televisivo.

envolvidos, é assunto que tem sido discutido por muitos anos, e não há conclusões unanimemente aceites. Segundo variados estudos, estes dados poderão ser razoavelmente aceites. É indiscutível que foi uma obra que se iniciou em épocas muito antigas e que implicou um número de trabalhadores também muito elevado. Mas no que diz respeito ao seu comprimento, 2.414 km, este dado é errado. A Grande Muralha foi incluída na Lista do Património Mundial da UNESCO, aprovada pelo Comité do Património Mundial em 1987²³. Em conformidade com dados oficiais no *site* da UNESCO, “o percurso completo da Grande Muralha é de mais de 20.000 quilómetros. Também setores construídos em diferentes períodos históricos, e que constituem um complexo sistema de defesa, incluindo muralhas, fortalezas, passagens e torres de controlo, ficaram razoavelmente preservados até aos nossos dias”²⁴. Estes dados implicam uma extensão dez vezes maior que o referido no vídeo.

Mas terá isso grande importância? Na minha opinião, não. A Grande Muralha é uma espécie de ícone *ex libris* da China. Mas porquê? Só por causa da sua grande escala? Sabemos todos que os turistas gostam muito de a visitar. Porém, pouca gente entende o seu significado profundo no imaginário dos chineses. É compreensível que o tempo do episódio seja curto, e que o documentário não tenha o objetivo de apresentar a China com uma profundidade que vá muito além do exigível num programa com a sua natureza, mas considero que vale a pena desenvolver um pouco o significado mais intenso do que seja a Grande Muralha.

A Grande Muralha é uma das Sete Maravilhas do Mundo. Esta série de fortificações de pedra e barro foi construída e reconstruída ao longo de nove dinastias, desde o período dos Reinos Combatentes da Dinastia Zhou até à Dinastia Ming, ou seja, entre o século V a.C. até ao século XVI, e mantida (parcialmente restaurada) até hoje.

²³ Cf. <http://whc.unesco.org/en/list/438/>, consultado em 3 de setembro de 2012.

²⁴ Idem. *The complete route of the Great Wall over 20,000 kilometers, as well as elements constructed in different historical periods which constitute the complicated defense system of the property, including walls, fortresses, passes and beacon towers, have been preserved to the present day.*

Para proteger a fronteira do Império Chinês contra invasões do Norte, a Grande Muralha separou a zona nômada da zona agrícola, ou seja, o que se considerava então a “civilização”. Comparada com os territórios do norte ocupados por etnias nômadas, a planície central da China era mais rica e muito mais sofisticada, por consequência, os nômadas cobriam-na com frequência. A planície central precisava de estabilidade, mas era difícil deter os “bárbaros” do norte. Foi essa a razão maior da construção da Grande Muralha. É neste contexto simbólico que a Grande Muralha constitui uma referência da maior importância para os chineses. A Grande Muralha pode considerar-se assim uma espécie de símbolo físico, um sólido símbolo feito de pedra, da filosofia estratégica militar, claramente preventiva, da China antiga, majestoso exemplo de arquitetura e tecnologia militar de então. Para o imaginário chinês, mesmo atualmente, a Grande Muralha pode ser considerada como um símbolo nacional de garantia da segurança do país e do povo²⁵.

Ao longo da Grande Muralha, podemos também ainda vislumbrar inúmeras infraestruturas de transporte e de produção agrícola, com toda a probabilidade associadas à sua construção e manutenção. Para além de todo o sofrimento humano que seguramente implicou a sua edificação, estes vestígios podem talvez também simbolizar toda a saudável logística implícita naquilo que hoje em dia se designa por *nation building*.

Atualmente, a Grande Muralha é um símbolo do espírito corajoso e persistente que os chineses reclamam para si, com mais ou menos razão, mas com legitimidade. De certo modo, pode ser um *totem* do povo chinês. Magnífica e majestosa, a Grande Muralha, que serpenteia extensamente por montes e vales, pode também significar a idiossincrasia de um povo trabalhador e corajoso, que privilegia a defesa e não a agressão. Reflete um princípio da estratégia da China antiga, 人不犯我，我不犯人 *Rén bù fàn wǒ, wǒ bù fàn rén* (sem ataque, sem retaliação). A Grande Muralha testemunhou conflitos e guerras, mas foi sobretudo uma garantia de paz, uma formidável garantia de

²⁵ Cf. Idem.

segurança.

O poeta mais célebre na história da língua portuguesa, Luís de Camões, escreveu na sua imensa obra, *Os Lusíadas*, sobre a Grande Muralha, como segue:

*“Olha o muro e o edificio nunca crido
que entre hum império e outro se edifica,
certíssimo final e conhecido
da potencia real, soberba e rica.
Estes, o Rei que tem, não foi nascido
príncipe, nem dos pais aos filhos fica;
mas elegem aquele que é famoso
por cavaleiro, sábio e virtuoso”*²⁶

O poeta achava que a Grande Muralha era majestosa e o Império era rico. Também louvava o imperador com as palavras “cavaleiro, sábio e virtuoso”. Naquela altura, a China era um lugar, no imaginário ocidental, pleno de mística e riqueza. Nas entrelinhas pode-se ver o orgulho dos bravos navegadores portugueses que finalmente chegavam a tal país.

Por outro lado, era também um monumento do sangue e suor dos trabalhadores que participaram na construção. Revela o absolutismo e a tirania dos governantes.

Existe um conto popular muito divulgado, “O Choro Amargo da Senhora Mengjiangnü (孟姜女哭长城 *Mèngjiāngnǚ kū chángchéng*). Narra que o marido da Senhora *Mengjiangnü*, recém-casada, foi recrutado pelos oficiais imperiais e despachado para a construção da Grande Muralha. Em nada tendo notícias sobre o marido por um longo tempo, decidiu ir em sua procura. Infelizmente, quando chegou à Grande

²⁶ CAMÕES, 2004, 182.

Muralha, foi informada que o marido já tinha morrido. O seu triste choro provocou o desmoronamento de uma parte muralha, resgatando-lhe assim o cadáver do marido. *Mengjiang*, desesperada de desgosto, atira-se então ao mar e morre ela também. Este conto, com cerca de dois mil anos de existência e interpretada em diferentes formas artísticas, desde canções populares até óperas regionais, pode também ser um símbolo críptico a todas as tiranias e a todos os custos de grandiosas obras, não só em termos de tempo e recursos, mas sobretudo de vidas humanas, ou atentados à ecologia, mesmo aplicáveis à atualidade.

2. Religião Chinesa

Nos dois já referidos episódios televisivos menciona-se o Palácio Yonghe (雍和宮 *yōnghé gōng*), que se trata do maior templo do budismo Tibetano em Pequim e o Templo de Tam Kung (譚公廟 *tán'gōng miào*), um templo Taoista em Macau.

Ricardo Bizarro apresenta o Palácio Yonghe como segue:

Estamos agora a chegar ao maior templo budista, fora do Tibete. Inicialmente era um palácio. Mais tarde viriam a nascer aqui duas pessoas que se tornaram imperadores, o que fez com que as pessoas pensassem que isto era um local que traria muita sorte, e daí transformaram o palácio num templo. Os monges, hoje em dia, são cerca de 70. Já chegaram a ser 1500 e praticamente só tratam dos cuidados internos: limpeza, manutenção de tudo. As pessoas têm este ritual de queimar o incenso e inclinar-se três vezes para a frente, e depois pedem o desejo. Rodam aquilo para trazer sorte e para que a vida corra sem imprevistos. O significado dos dragões é segurança, sorte e chuva. A chuva para trazer alimentos. A segurança para o próprio templo e para as pessoas. E a sorte... é

sorte! ²⁷

O ritual dos templos na China é muito diferente do que em Portugal, naturalmente que se trata de culturas e religiões diferentes. Além disso, o apresentador deu ênfase ao significado do dragão. Isso faz muito sentido porquanto a simbologia do dragão na China e no ocidente é muito diferente. O dragão e, como se sabe, um animal mitológico. Neste ponto, não há qualquer diferença entre as duas culturas. Na figura abaixo ilustrada, o dragão chinês integra ou é formado por diferentes aspetos de nove animais: chifres de veado, corpo de anaconda, garras de águia, etc. O dragão ocidental terá mais parecenças com um enorme lagarto, ou um dinossauro.

Mas a diferença essencial é que na China o dragão é uma figura sagrada. Como o Ricardo referiu, o *significado dos dragões é segurança, sorte e chuva*. De facto isso é verdade, mas não é apenas assim. O taoísmo e budismo populares usam a figura do dragão, mas, para os chineses, não há aqui um elemento apenas religioso, mas também, ou talvez sobretudo, étnico. Os animais que o dragão engloba simbolizaram a força, o belo, a agilidade, etc. Há uma teoria que afirma que na China antiga, nos primórdios da sua civilização, o maior e mais importante antepassado dos chineses, o Imperador Amarelo, unificou tribos dispersas e combinou os seus totens, criando um novo totem sagrado, o dragão ²⁸. É assim que os chineses usam o termo descendente do dragão (龙的传人 *lóng de chuán rén*) como símbolo da sua identidade étnica. Os imperadores da China dinástica também se proclamavam filhos do dragão.

Entretanto, no Ocidente, em geral, predomina a ideia de dragão como um ser maligno e caótico, integrado por figuras mitológicas provenientes de diversos povos e civilizações ocidentais. ²⁹

²⁷ Citado diretamente do programa televisivo.

²⁸ Cf. http://www.chinaculture.org/gb/cn_zgwh/2004-06/28/content_52404.htm, consultado a 6 de novembro de 2012.

²⁹ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Drag%C3%A3o>, consultado a 6 de novembro de 2012.



Figura 5 Dragão Chinês e Dragão Ocidental ³⁰

Em Macau, a apresentadora Goreti Lima mostra um Templo taoista. Curiosamente, sorteou e pediu que lhe esclarecessem qual o significado do resultado obtido.

Para além de apresentar o templo, desenvolveu alguns dos seus conhecimentos, como segue:

Culturalmente, Macau é católica por causa dos portugueses. Mas por causa dos chineses, a maioria das pessoas aí é budista e não católica. E depois acabam por fazer os dois tipos de rituais. Vivem, basicamente, todos muito bem com isso. ³¹

Este depoimento foi, no entanto, acompanhado por um conjunto de informações que apresento de seguida:

Sou de opinião que estas declarações não são totalmente corretas. Os portugueses estabeleceram-se em Macau há quase 500 anos. Trouxeram consigo o catolicismo. No entanto, outras religiões de mais longa história mantiveram a sua presença no território, como o budismo, introduzido na vasta zona em que Macau se insere, o delta do Rio da

³⁰ Ilustração de Dragão ocidental: <http://blue821230.bokee.com/viewdiary.14002267.html>, consultado a 12 de novembro de 2012.

Ilustração de Dragão oriental: <http://blog.roodo.com/smm123654/archives/12300421.html>, consultado a 12 de novembro de 2012.

³¹ Citado diretamente do programa televisivo.

Pérolas, já no Século IX. O taoísmo foi ainda anterior, chegando aquela zona do extremo sul da China por volta do Século III. A divindade mais acarinhada em Macau deverá ser Mazu (妈祖 *Māzǔ*), a divindade do mar, taoísta. O nome que os portugueses deram à península, hoje em dia internacionalizado, Macau, terá tido origem nesta divindade.

Conforme o mapa que se mostra em baixo, podemos afirmar que o primeiro império unificado na história da China, a Dinastia Qin (227-207 a.C.), já incluía o delta do Rio das Pérolas.



Figura 6 Território da China na Dinastia Qin ³²

Desde então até aos portugueses se terem instalado em Macau (1553), este território já tinha cerca de mil e oitocentos anos de história como parte integrante, embora longínqua, do Império do Meio. Logo, perante as estatísticas e os números da história, será muito questionável considerar-se Macau como “culturalmente católico”.

A religião é parte importante na cultura dum nação. Reflete sentimentos, pensamentos e crenças das pessoas durante longos períodos históricos, assim como influência ideologias políticas e culturais. Será interessante verificar que, quando questionados se têm religião, muitos chineses responderão pela negativa, mas quando se lhes perguntarem se têm fé muitos poderão porventura hesitar. Na minha opinião, os

³² http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/historia/historia_geral_idade_antiga/os_chineses/civil_chinesa3, consultado a 8 de agosto de 2012.

chineses têm fé religiosa. Esta fé não tem uma definição clara, mas tem vindo a ser uma vertente indispensável da sua vivência.

A fé dos portugueses é relativamente uniforme, na sua maioria enquadrada na tradição católica, enquanto a fé de muitos chineses terá características mais ambíguas e ecléticas.

O taoísmo, filosofia e religião genuinamente chinesa, tem um lugar e um significado importante na cultura e sociedade chinesas com uma longa história. O tempo exato da sua origem nunca foi, nem será com rigor determinado.

Também o confucionismo é muitas vezes encarado como religião por algumas pessoas. Mas, de facto, trata-se de um sistema filosófico, sobretudo ético, iniciado durante a Dinastia Zhou Oriental por Confúcio. Os seus pensamentos têm sido de grande importância para cultura e idiossincrasia chinesas.

A China Tem muitas etnias e religiões também muito variadas, mas a maioria dos crentes segue o budismo, a religião maior de maior expressão na China, já com uma longa história de mais de dois mil anos. Foi quando o comércio entre a China e a Índia se iniciou, durante a Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) que o budismo se foi gradualmente introduzindo, a partir da Índia, sobretudo pelo Tibete e pela Mongólia, e, também gradualmente, influenciando os chineses³³. Nesse período, as Escrituras Budistas foram introduzidas de forma crescente, produzindo uma forte concorrência com as doutrinas Confucionista e Taoista. Na China, o budismo *Chan*³⁴ terá sido um dos mais importantes ramos do budismo.

A partir da Dinastia Tang, a tendência duma integração de budismo, confucionismo e

³³ Cf. <http://zh.wikipedia.org/wiki/%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E4%BD%9B%E6%95%99>, consultado a 22 de Maio de 2012.

³⁴ Esta Escola Budista introduziu-se mais tarde no Japão com o nome de ZEN, designação esta mais divulgada pelo resto do mundo. NdA.

taoismo foi-se desenvolvendo. Na Dinastia Song, considerava-se que o budismo tratava do coração, o confucionismo tratava da sociedade, e o taoismo tratava do corpo.

Há muitos templos espalhados por toda a China, maioritariamente budistas, mas também confucionistas e taoistas. Para além da sua função religiosa, são também uma importante atração turística, tanto para chineses como para estrangeiros, o que contribui para a economia do país. Nos últimos anos, porventura infelizmente, tem-se manifestado mais este último aspeto do que a dimensão puramente religiosa destes templos.

3. Vida quotidiana contemporânea dos chineses

A apresentadora Vera Penêda afirmou que se tinha adaptado bem à vida na China, porque, embora as culturas sejam muito diferentes, a China é um país já quase tão modernizado como a Europa, onde nada falta. Bares, discotecas e clubes, todo o tipo de produtos e equipamentos, meios de transporte, tudo a um nível semelhante ao ocidental. Nos tempos mais recentes, depois de um longo período histórico de enormes dificuldades políticas e militares, guerras civis, agressões externas por parte das potências ocidentais e do Japão, chegando a ser um país semicolonizado, e depois ainda de um conturbado período político após 1949 (Grande Salto em Frente, Revolução Cultural, etc.), a China tem progredido muito aproximando-se rapidamente dos níveis de vida dos ocidentais, embora com características próprias. Em muitos aspetos, a vida quotidiana dos chineses está bastante ocidentalizada. Por exemplo, raramente vestem trajes tradicionais, escrevem horizontalmente da esquerda para a direita em vez de verticalmente e da direita para a esquerda, de cima para baixo, adotam as principais normas internacionais em inúmeros aspetos da vida profissional, familiar e pessoal.

O conhecimento e a tecnologia avançada ocidentais, sendo que hoje em dia a China se tornou num dos países tecnologicamente mais avançados do mundo, têm imensamente mudado a situação social da China e o estilo da vida dos chineses. A China é um país e

uma sociedade aberta e progressiva. No entanto, muitos estudiosos preocupam-se com a perda da sua cultura e identidade tradicionais. De facto, é verdade que surgiram muitos problemas culturais neste processo de modernização. Todavia, a vida do dia-a-dia dos chineses mantém em muito as suas características profundas, influenciadas por uma imensa e longínqua tradição cultural e civilizacional que dificilmente se perderá. Deverá evoluir, mas não perder-se.

Podemos observar no referido documentário alguns lugares, como a Praça do Templo do Céu e a zona de *Houhai*, espaços não apenas de interesse turístico, mas também de diversão e lazer populares. Como o testemunho de Nuno Batista referiu, muitas pessoas, nomeadamente aposentados mais idosos, ali praticam todo o tipo de atividades boas para o corpo e para o espírito. Espada Taiji (太极刀 *tàijí dāo*), instrumentos musicais, como o tão popular Erhu (二胡 *Èrhú*), canto, dança, etc.

Também, nos dois episódios, se fala na massagem aos pés (足疗 *zúliáo*). Parece que os portugueses gostam desse modo de relaxar. Tudo isto são atividades tipicamente chinesas que dificilmente se veem no ocidente. São boas tradições que não se devem perder. Outro aspeto muito importante da “diferença” chinesa, que não apenas se não perde mas está a desenvolver-se e expandir-se em todo o mundo, é a Medicina Tradicional Chinesa, nisto incluindo a misteriosa acupuntura, com a identificação e denominação, por vezes muito poética, de todos os pontos de passagem de energia, o *Qi* (气 *qì*). Por exemplo, a importância dos pontos dos pés, estimuláveis das mais diversas maneiras, podem ter grande influência no conforto e saúde geral do corpo e da mente, sabedoria esta que remonta a tempos imemoriais.³⁵ Em Portugal também já há muitos estabelecimentos de massagem abertos por chineses. Todos estes aspetos culturais especificamente chineses não só não se perdem como têm cada vez mais procura por todo o mundo fora. A modernização e relativa ocidentalização da China não vão anular toda uma cultura milenar, pelo menos nos seus aspetos mais louváveis, que são muitos.

³⁵ Cf. <http://www.zhzyw.org/zyts/zytn/wh/0912119H3DA4GA48521JE462.html>, consultado a 20 de setembro de 2012.

O documentário tenta mostrar vários aspetos da vida quotidiana contemporânea do povo chinês, alguns positivos, outros menos bons ou mesmo negativos. Em meu entender, é uma ideia boa. Essa tentativa torna o documentário mais objetivo. A cultura tradicional chinesa é importante, mas também nem tudo são coisas boas, além de que a atualidade também é igualmente importante, e também tem, infelizmente, não poucos aspetos menos positivos. A verdade é que nenhum país pode parar na história, mas também não pode nem deve só olhar para frente, esquecendo-se do passado, da história, da tradição, da cultura, do mais fundo da sua alma.

II.3 Outros aspetos

Apesar das muitas curiosidades que relevam de um certo “exotismo” chinês, há também outros aspetos, sobretudo negativos, referidos nestes vídeos televisivos.

II.3.1 Liberdade de Expressão

Vera Penêda é jornalista numa agência noticiosa. Falando sobre a sua experiência profissional, refere-se à liberdade de expressão na China como segue:

Há muitos sites que estão bloqueados. Não temos acesso ao Facebook, ao Blogspot, ao Youtube, apesar de existir uma progressiva liberdade e permissão para o trabalho de jornalistas. Ainda existem muitas áreas sensíveis. Já me aconteceu, quando entrevistei um artista chinês, cujos trabalhos estão todos censurados na China. Era um trabalho polêmico. Ele gravou uma prostituta chinesa a fazer caligrafia vaginal. Além do mais estava a escrever poemas chineses sagrados e eu fiz a entrevista, escrevi o texto e disseram-me “Vera, não vai ser publicado. Perguntei as razões, tive que alterar algumas coisas no

*texto, e depois de um dia para o outro estava na página.*³⁶

E quando estava a apresentar a zona artística moderna, Espaço 798, uma amiga sua chinesa, Anny Ma, levou-a a apreciar obras artísticas modernas de “Gao Brother”, afirmando que “Eles não podem expor o seu trabalho na China. É demasiado sensível para o governo.”³⁷ Vera também adianta que:

Os Gao Brothers são dois artistas muito famosos na China e fora da China. Eles começaram a produzir arte acerca dos anos oitenta. A grande parte dos trabalhos deles está censurada na China. Não podem mostrar. Produzem o símbolo de Mao para criticar o país, a China moderna.



Figura 7 Uma peça da série dos trabalhos *Miss Mao* de Gao Brother

O problema da liberdade de expressão na China tem sido alvo de crítica em todo o mundo, incluindo na própria China. A imagem dum país sem liberdade de expressão tem sido criada. Trata-se de um problema real.

Na Constituição Chinesa, o artigo 35 estipula que os “Cidadãos da República Popular

³⁶ Citado diretamente do programa televisivo.

³⁷ *They could not have the shows in China. It's too sensitive for the government.* De facto, aqui devia ser dito “Eles não podem mostrar uma parte dos seu trabalhos na China”, porquanto estavam precisamente a visitar o Espaço 798 em Pequim com alguns trabalhos deles. NdA.

da China gozam da liberdade de expressão, de imprensa, de assembleia, de associação, de desfile e de manifestação.”³⁸ Mas não há uma lei específica que regule este artigo constitucional. Na verdade e neste particular, a aplicação concreta da Constituição é bastante limitada. A China assinou o *Pacto Internacional Sobre os Direitos Civis e Políticos*, a 5 de Outubro de 1967. O texto inclui a liberdade de expressão e comunicação nos seguintes termos:

Artigo 19.º

- 1. Ninguém pode ser inquietado pelas suas opiniões.*
- 2. Toda e qualquer pessoa tem direito à liberdade de expressão; este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem consideração de fronteiras, sob forma oral ou escrita, impressa ou artística, ou por qualquer outro meio à sua escolha.*
- 3. O exercício das liberdades previstas no parágrafo 2 do presente artigo comporta deveres e responsabilidades especiais. Pode, em consequência, ser submetido a certas restrições, que devem, todavia, ser expressamente fixadas na lei e que são necessárias:*
 - a) Ao respeito dos direitos ou da reputação de outrem;*
 - b) À salvaguarda da segurança nacional, da ordem pública, da saúde e da moralidade públicas.*³⁹

Todavia, até hoje, este documento devida e formalmente assinado não foi ainda

³⁸ 第三十五条 中华人民共和国公民有言论、出版、集会、结社、游行、示威的自由。

http://www.gov.cn/gongbao/content/2004/content_62714.htm, consultado a 24 de dezembro de 2012

³⁹ <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tiduniversais/cidh-dudh-direitos-civis.html>, consultado a 19 de dezembro de 2012.

oficialmente transposto para a lei nacional. Também, o parágrafo 3º do texto é claro quando estabelece algumas restrições à sua aplicação desregrada, o que dá algum espaço para interpretações mais ou menos oportunistas. No Direito Penal chinês, há também restrições semelhantes, estando previstas as respectivas sanções. Não existe liberdade absoluta, seja onde for. Mas não deixa de ser verdade que, na China, as restrições são mais apertadas e extensivas. Por exemplo, quando quis consultar “Liu Xiaobo” no *Baidu*, um motor de busca chinês, pude ver a seguinte frase “De acordo com o quadro legal, regulamentos e políticas, parte dos resultados da pesquisa não se exibem”⁴⁰. Alguns conteúdos são censurados. Foi também uma das razões por que a *Google* saiu do mercado chinês.

Num país tão populoso como a China não podem deixar de surgir problemas e dificuldades de várias ordens. As estruturas de poder consideram que a total liberdade de expressão pode originar instabilidade social e prejudicar a unidade do país. A estabilidade política e social deve sobrepor-se em importância a liberdades formais que não serão tão relevantes. É este o discurso oficial. Só numa sociedade estável o país pode desenvolver-se. Porém, na minha opinião, esta estabilidade é apenas superficial. Como na regulação do caudal de um rio, se o que se faz for a simples obstrução das suas águas, o resultado não poderá ser outro senão um maior número de, e mais devastadoras, inundações. Sob certas condições, a liberdade de expressão pode e deve levantar todo o tipo de problemas, levando assim a que, o mais cedo possível, se possam procurar soluções e evitar crises maiores e piores. Além disso, com liberdade de expressão, esta tenderá a ser o mais possível diversificada, o que pode, naturalmente, criar condições para os mais variados contrapesos. Esconder o lixo debaixo do tapete, ou meter a cabeça na areia, nunca serão soluções eficazes, pelo menos a longo prazo.

⁴⁰ 根据相关法律法规和政策，部分搜索结果未予显示。 Informações obtidas em http://www.baidu.com/s?tn=baiduhome_pg&ie=utf-8&bs=liuxiaobo&f=8&rsv_bp=1&rsv_spt=1&wd=%E5%88%98%E6%99%93%E6%B3%A2&rsv_sug3=4&rsv_sug=1&rsv_sug4=883&rsv_sug1=1&inputT=2618, consultadas a 15 de dezembro de 2012.

Com a melhoria de qualidade de vida, as crescentes aspirações espirituais e o desejo crescente de uma maior participação na coisa pública, na *res publica*, podemos adivinhar o quanto esta situação vai inevitavelmente mudar num futuro próximo.

II.3.2 O Problema da Poluição

Como se sabe, nas últimas décadas a China tem tido um rapidíssimo crescimento económico. Mas as consequências ambientais das poluições industriais e energéticas levadas a cabo desde há muito tempo, mesmo anteriores ao recente desenvolvimento, têm sido muito preocupantes. A poluição do ar, da água, do solo, sonora, etc., é um fenómeno verdadeiro e altamente preocupante.

No vídeo televisivo que visitámos podemos ver um céu baixo e muito cinzento. Renato refere-se-lhe como segue:



Figura 8 O céu cinzento de Pequim

Esta zona é a zona de CBD, Central Business District. É uma zona que teve um crescimento rápido nos últimos seis ou sete anos. As principais empresas multinacionais têm-se instalado nesta zona da cidade. É uma zona privilegiada, em termos de espaços de escritórios e serviços. Os escritórios das empresas ficam nesta torre

*em frente. Um dos problemas da cidade, e das cidades chinesas em geral, é a poluição urbana. E hoje não é dos dias piores. Apesar de se notar uma leve neblina, há dias em que não se consegue ver o prédio em frente. É muito densa, não se consegue ver uma torre de cinquenta andares. No centro da cidade existem muitas centrais térmicas de carvão para produzir eletricidade e calor. Em termos de emissões é uma preocupação, porque as pessoas vivem lado a lado com a fábrica, e não é fácil, no curto prazo, retirar as fábricas, porque não há outra forma alternativa.*⁴¹

Desde que a economia começou a desenvolver-se rapidamente, organizações governamentais e não-governamentais vêm reclamando e tomando medidas para prevenir a, e/ou tratar da, poluição. O governo Central tem promovido a saudável ideia de “desenvolvimento sustentável”. Porém, as medidas inerentes a esta prometida e propagandeada política ou não têm sido bem implementadas ou são lentas, talvez demasiado lentas, nos seus resultados. Há muitos responsáveis máximos que dão mais importância ao crescimento económico a todo o custo, sem pensar nas inúmeras consequências laterais, sobretudo tendo em vista as suas carreiras oficiais e políticas. Têm que mostrar obra. A economia, pelo menos até há muito pouco tempo, tem-se desenvolvido à custa de enormes problemas ambientais. Sempre foi assim desde a já longínqua Revolução Industrial, que se iniciou ainda no século XVIII em Inglaterra e na Holanda. A China não tem fugido à regra, infelizmente. Consomem-se imensas quantidades de recursos, muitas vezes recursos não renováveis. Ecossistemas naturais são continuamente destruídos, ou pelo menos gravemente ameaçados. Estes modelos de crescimento não se podem considerar sustentáveis, ou seja, podem ser considerados “crescimento”, mas nunca deverão ser considerados “desenvolvimento”, por mais rápido e entusiasmante que possam parecer. Será isto um *win-win process*?

⁴¹ Citado diretamente do programa televisivo. Penso também referir aqui que, por vezes se confunde fenómenos puramente atmosféricos com poluição. Quantas vezes não acontecem, por exemplo em Pequim, que de um dia para o outro, de um cerrado nevoeiro (em inglês dá-se-lhe o nome curioso de *smog*) se passe para um radioso dia de sol e céu azul. Será que a poluição pode mudar assim? NdA.

Ou será no fim de contas e no fim de tudo, um processo em que todos, de alguma maneira, perdem? Nunca devemos esquecer que um dos limites mais sérios ao crescimento económico deverá ser o respeito pelo ambiente. Há outros, evidentemente. Já falámos nos aspetos das liberdades e deveres de todos e de cada um. Há o perigo real duma espiral negativa num duplo sentido, de desenvolvimento e ambiental. Sem exagero, há riscos sérios para todos nós e para os nossos descendentes, para os chineses e para todo o globo. Será isto um problema apenas chinês. Não, é global. Londres do século XIX era com toda a certeza pior do que Pequim do século XXI. Mas também é verdade que a China deste século tem que ter uma aguda consciência das suas responsabilidades ambientais. Tenho confiança e esperança que assim o faça.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que os *media* chineses não escondem a gravidade destes problemas. Em Portugal, notícias como a que mostramos em baixo são de certo modo recorrentes.

Veja-se este exemplo do Diário de Notícias:



Figura 9 Notícia Sobre a Névoa de Pequim em Diário de Notícias⁴²

⁴² Diário de Notícias, 18 de janeiro de 2013.

O episódio sobre Pequim da série televisiva em análise foi passado na RTP 1 em Janeiro de 2011. Dois anos passados, a situação não tem melhorado, porventura tem piorado. Os *media* portugueses relatam com algum sensacionalismo textos e imagens como os apresentados acima, os cidadãos de Pequim sofrem no seu conforto e na sua saúde os efeitos diretos de tanta poluição. Dizem as estatísticas, por exemplo, que a incidência de cancro no pulmão em certas áreas da China ultrapassa em muito a média mundial.

Outro exemplo, este tirado de um *site* do Jornal de Notícias:

8.572 mortes prematuras em quatro cidades da China devido à poluição do ar

Publicado em 2012-12-18

Like Be the first of your friends to like this.

Share 0 Tweet 0 LinkedIn Share 0 +1

Pequim, 18 dez (Lusa) -- Os altos níveis de partículas contaminantes no ar em quatro cidades chinesas provocaram este ano 8.572 mortes prematuras, estimam dados da Greenpeace e da Universidade de Saúde Pública de Pequim, tornadas hoje públicas.

No documento são revelados os níveis de poluição das partículas de tamanho PM 2,5 -- aquelas com diâmetro menos a 2,5 micras -- em cidades como Pequim, Xangai, Cantão ou Xian, as maiores do norte, este, sul e oeste do país, respetivamente.

Segundo o estudo, se as cidades referidas cumprissem os limites estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde, as mortes por inalação destas partículas poderiam ser reduzidas em 81 %, no mínimo.

Este texto da agência Lusa foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Figura 10 Notícia Sobre a Névoa de Pequim no *site* do Jornal de Notícias⁴³

Um poeta chinês da Dinastia Tang, Du Fu (杜甫 *Dù Fǔ*) escreveu um verso famoso: “Embora o país possa ser destruído, as montanhas e os rios permanecem”⁴⁴. No entanto, atualmente, este verso deveria talvez ser invertido, como um gritante alerta, como segue: “Embora o país possa permanecer, as montanhas e os rios serão destruídos.” Esta ironia é triste e, muito provavelmente, exagerada, mas será também porventura útil enquanto alerta para o pior que pode vir a acontecer.

⁴³ http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=2952981, consultado a 18 de janeiro de 2013.

⁴⁴ 国破山河在 *guó pò shānhé zài*.

Haverá uma certa tendência na China para um certo patriotismo talvez exagerado, muito provavelmente influenciado pela sua terrível história mais recente, mas também algo paradoxal, porquanto os chineses também tendem a ser excessivamente autocrático. Muitas pessoas, levadas porventura por um patriotismo menos bem orientado, não gostam que os *media* estrangeiros critiquem a China. Por outro lado, não acreditam em quanto de bom os seus próprios *media* possam noticiar (aqui a censura e a propaganda tem seguramente muitas responsabilidades) e não se mostram satisfeitas com muitos aspetos da sua sociedade. Há hoje em dia um grupo de cibernautas com o nome de *Angry Young Men* (愤青 Fènqīng), que desenvolvem discussões muito extremadas e críticas sobre todo o género de assuntos internos e internacionais.

Como já referido, a China tem que ter uma aguda consciência das suas responsabilidades ambientais, sem dúvida. Mas acho que também deve ser feito um esforço de objetividade na análise dos problemas, sempre no sentido da procura de soluções e sem excessivas autorrecreminações ou tolas fugas às dificuldades. Como e poderá verificar na notícia que junto imediatamente em baixo, a China não “especialista” em problemas, embora também não devemos contentarmo-nos e justificarmo-nos com os males alheios especialmente.

Aqui temos uma outra notícia sobre a poluição na União Europeia, como segue:

Jacqueline McGlade Diretora da Agência Europeia do Ambiente

“Poluição provoca 200 mil mortes prematuras na UE”

Texto CARLA TOMÁS

Em muitos países europeus a poluição do ar continua acima dos limites legais, encurtando em dois anos a vida dos que moram nas cidades mais poluídas. Esta realidade levou a Comissão Europeia a fazer de 2013 o Ano Europeu do Ar e até setembro serão definidas novas metas de emissões e regras para a indústria.

■ 2013 é o Ano da Qualidade do Ar. Que medidas vêm aí?
■ A legislação não é suficiente e não estamos perto de atingir os objetivos. E, mais importante, há consequências económicas por isso. Os custos do mau desempenho da indústria representam €200 mil milhões por ano e estamos a pagá-los com a nossa saúde e a dos nossos ecossistemas. Há 200 mil mortes prematuras anualmente e cinco milhões de cidadãos com baixa

exijam melhor qualidade do ar e levem as autoridades a colocarem em funcionamento medidas para o alcançarem. Precisamos de rever as linhas de orientação ambicionadas para a Europa, que devem seguir as da Organização Mundial de Saúde.

■ E no caso de Portugal?
■ Portugal tem sorte, pois os ventos predominantes de noroeste limpam o ar, enquanto cidades como Roterdão recebem massas de ar que transportam poluentes que vêm da China. Porém, com a seca, é muito fácil encontrar em Portugal pessoas expostas a uma complexa mistura de químicos como o DDT ou benzeno que produzem um *cocktail* letal.

■ O que devemos fazer?
■ As pessoas devem estar vigilantes e procurar saber mais. Há países onde a informação é transmitida na televisão com a previsão do tempo. Os cidadãos

zonas de baixas emissões, apostando em cidades mais verdes.

■ Na próxima semana a AEA vai lançar o relatório “Lições Tardias de Avisos Prévios”. Entre os temas em análise está o estado dos stocks de pesca. Portugal tem sabido zerir os seus?

“Não ter um ambiente limpo não é uma opção para a Europa”

■ Para ser honesta, não. Houve algumas melhorias desde 2001, com uma quebra de 97% para 64% em termos de sobre-exploração de pesca. Portugal conseguiu melhorar a informação sobre alguns *stocks*. Porém contribui para um elevado nível de sobre-pesca. Em áreas mais longe da costa, a pesca é responsável

mas os conselhos científicos são ignorados. E as alterações climáticas vão ter ainda mais efeitos.

■ Qual o objetivo destas “lições”?
■ Neste relatório vemos que as decisões são vulneráveis porque foram manifestadas dúvidas científicas. A não-evidência de consequências negativas não significa que elas não existam.

■ O Governo português tem feito o suficiente face às alterações climáticas?
■ É curioso, porque as alterações climáticas parecem gerar um maior consenso do que outras áreas em Portugal. Vimos como o Governo criou o Fundo de Carbono de forma proativa, pelo então secretário de Estado do Ambiente, Humberto Rosa, que agora trabalha na Comissão Europeia.

■ Com a atual crise, teme que se regreda neste campo?
■ Portugal está entre os países



FOTO: AGÊNCIA EUROPEIA DO AMBIENTE

inteligentes na energia das ondas e das marés.

■ Mas também investido em novas barragens, com os consequentes impactos ambientais.
■ Tem acontecido o mesmo noutros países. A energia nuclear é um substituto inconveniente. A alternativa é restringir os impactos numa pequena comunidade ou avançar com a indústria nuclear com impactos em toda a sociedade. Este debate é um desafio para os países europeus.

■ Cinco ministros da economia, entre os quais o português, argu-

são um obstáculo. Como reage?
■ Muitas das indústrias dependem da elevada qualidade de um recurso físico chamado ambiente, seja porque queremos que as pessoas sejam saudáveis e não faltem ao trabalho, seja porque queremos água ou ar limpos. É de vistas curtas dizer que é só de uma maneira ou é só da outra. Não se pode ter uma reindustrialização da Europa sem um ambiente saudável, pois queremos cidadãos saudáveis e produtivos por muitos e muitos anos. Não ter um ambiente limpo não é uma opção na Europa. Não podemos suportar os cus-

Figura 11 Notícia sobre a poluição na UE no semanário Expresso⁴⁵

O papel na sociedade e na política dos *Angry Young Men* pode ser que seja útil e meritória, sobretudo num país como a China onde a liberdade de expressão ainda é muito deficiente, mas, no que se refere ao cumprimento do que refiro acima, prudência, serenidade, sentido construtivo, são um mau exemplo.

II.3.3 Incorreções e Ideias Feitas

Outro aspeto importante a ter em consideração, quando se atende aos media portugueses sobre a China, prende-se também com muita incompreensão, as mais das vezes devida a desconhecimento, falta de estudo sério e ideias feitas sem as passarem pelo crivo do estudo e da verificação. Fazem-se afirmações sérias e escrevem-se artigos que se pretendem credíveis com erros factuais e de interpretação que não resistem perante quem sabe um pouco do assunto.

⁴⁵ Expresso, 19 de janeiro de 2013.

Veja-se, todavia, o exemplo em baixo, artigo de opinião no Público, escrito por um *opinion maker* com bastante crédito nos meios jornalísticos portugueses, Jorge Almeida Fernandes. Não faço ideia quais os conhecimentos que Almeida Fernandes tem sobre a China, a sua história, o seu pensamento clássico, mas apresenta um artigo de fundo muito interessante, como segue:

32 | MUNDO | PÚBLICO, DOM 11 NOV 2012

PONTO DE VISTA

Os filósofos chineses incitam à democracia?

Análise
Jorge Almeida Fernandes

As interrogações sobre o XVIII Congresso do Partido Comunista Chinês (PCC) resumem-se numa palavra: reformas. O leitor não deve, contudo, ter a expectativa de novidades imediatas. Xi Jinping – que esta semana será eleito secretário-geral do partido e, em Março, Presidente da República – explicou-o há anos numa entrevista: “Quando assumimos um novo cargo, queremos também aplicar a nossa própria agenda no primeiro ano. Mas temos de fazê-lo sobre as fundações do nosso antecessor. É como uma corrida de estafetas. Temos de receber o testemunho correctamente e correr então para o nosso objectivo.”

Na China, o secretário-geral do partido não é o soberano. É o *primus inter pares* numa direcção colectiva, dominada pelos sete membros da comissão permanente do Bureau Político. Cabe-lhe um indiscutível papel de liderança. Mas as grandes decisões são tomadas por consenso e após complexas arbitragens. Isto não garante, no entanto, uma mudança tranquila.

Os grandes debates

A actual transição é definida como “dramática” por muitos analistas. Não pelos nomes dos novos dirigentes, há muito conhecidos, mas pelo que está em causa, a começar pela economia.

O britânico Jonathan Fenby, jornalista e historiador da China, explicou-o no dia das eleições americanas. “O mundo precisa de uma China a crescer para compensar a recessão no Ocidente. O perigo é que Xi e os seus colegas optem por políticas defensivas que estabilizem a China a curto prazo, mas aumentem o risco de estagnação económica a médio prazo, na ausência de

reformas estruturais. O que Xi fizer ou não fizer é tão importante para o mundo como a eleição presidencial americana, mas será muito menos fácil de perceber. Sabemos o que Obama ou Romney irão fazer, se forem eleitos. Mas não temos a mínima ideia do que Xi tem na cabeça. Dado o papel central da China na economia global, isto é muito preocupante.”

A China trava neste momento três grandes debates, escreve o sinólogo Cheng Li, da Brookings Institution. O primeiro é o do estatuto da China no mundo: declínio americano e o advento de um “século chinês”? Ou, pelo contrário, fracasso da China e reafirmação da superioridade americana, em termos de *hard* e *soft power*? O que é o “modelo chinês”? Prosseguirá o “milagre económico”, sob a dominação estável do PCC, ou a sua economia sofrerá um estrangulamento e perderá influência internacional? Que reformas políticas? A democracia significa “instabilidade e caos” ou é uma “tendência universal”?

O problema imediato é o da economia. Pequim vai ter de escolher entre prosseguir o modelo assente nas exportações, que favorece as ricas regiões costeiras, ou fomentar um crescimento com base no consumo interno e em políticas sociais.

Não é uma escolha pacífica. Divide as regiões. A expansão criou “poderosos interesses” que se opõem a uma mudança do modelo económico, tanto na elite como a nível popular. Mas o “modelo exportador” começa a dar sinais de esgotamento e o pragmático PCC pode permitir-se tudo menos a estagnação económica, que ameaçaria um dos esteios da sua legitimidade.

A palavra de Yan Xuetong
Yan Xuetong, director do Instituto das Modernas Relações Internacionais, na Universidade Tsinghua, é um dos mais influentes pensadores políticos chineses. Muito conhecido nos Estados Unidos, é frequentemente



O maior problema da China é um sistema político que trava a sua grandeza

qualificado como um “falcão” anti-americano. Ele define-se como um “realista político” e considera que as actuais instituições internacionais jogam a favor dos ocidentais e já não exprimem a realidade.

Publicou em Novembro, no *New York Times*, um artigo intitulado: “Como pode a China derrotar a América?” Escreve: “Se a História ensina alguma coisa, a ascensão da China coloca de facto um desafio à América. As potências ascendentes procuram ganhar maior autoridade no sistema global e as potências declinantes raramente cedem sem luta. E, dadas as diferenças entre os sistemas políticos chineses e americanos, os pessimistas podem acreditar que há uma alta probabilidade de guerra.” Yan não o crê, embora tema o risco de uma

“guerra fria” pela rivalidade na região Ásia-Pacífico.

O ponto que aqui nos interessa é outro. Na comparação que estabelece, sublinha os pontos fracos da China na competição com os EUA. Os mestres que o guiam são os clássicos chineses – Guanzi, Confúcio, Xunzi e Mencius. Concorda com Kissinger: “O antigo pensamento chinês – mais do que uma ideologia estrangeira – será a provável força intelectualmente dominante por trás da política externa chinesa.”

A competição com a América não se trava apenas no plano económico. “Será a batalha pelos corações e pelas mentes que determinará quem vai prevalecer. (...) Como pode a China conquistar os corações através do mundo? Segundo os antigos filósofos chineses, deve começar em casa. A autoridade humana começa pela criação de um modelo doméstico que inspire os povos no exterior.” Os americanos chamam-lhe *soft power*.

Para lá do desenvolvimento económico, a China deve criar “uma sociedade harmoniosa, sem o imenso fosso de hoje entre

ricos e pobres”. A China precisa de “autoridade humana” para competir com os Estados Unidos, que permanecem a potência dominante. E, enquanto potência ascendente, precisa tanto de estabelecer “relações diplomáticas e militares de alta qualidade com os EUA”, como de assumir as responsabilidades internacionais inerentes ao seu novo estatuto.

Yan não é um “ocidentalista”, é um arauto dos valores tradicionais chineses e fala em nome da grandeza da China. Num livro polémico (*Ancient Chinese Thought, Modern Chinese Power*, Princeton, 2011) faz um diagnóstico implacável: o problema da China é o seu sistema político, que limita a eficácia da política externa e o impacto do seu sucesso económico.

Para ser mais influente a China deve optar pela democracia política. “O sistema eleitoral tornou-se hoje a norma política universal. A China deve adoptar o princípio moral da democracia.”

Não é uma proposta idealista, mas o argumento de um “extremo realista”.

Figura 12 Notícia Sobre a Democracia da China no Público ⁴⁶

⁴⁶ Público, 11 de novembro de 2013.

Porém, quantos jornalistas e comentadores portugueses estudam com alguma profundidade o “fenómeno chinês”, quantos estudam e sabem um mínimo de chinês mandarim? A comunicação intercultural é fundamental e, para que ela seja eficaz, necessário se torna muita abertura, dedicação e estudo, assim como um grande esforço de nos libertarmos de preconceitos, de parte a parte.

Penso que, ao longo deste trabalho, fui, aqui e ali, referindo “ideias feitas” que devem ser desmontadas. Por exemplo, uma visão algo heróica e romântica dos Descobrimentos, esquecendo em parte (aqui talvez intencionalmente) o quanto foi feio nessa epopeia, objeto de descrição subsequente na dissertação. Ou, nos programas da RTP sobre a China, onde se enfatiza o que do lado de cá se considera “exótico”, aspetos que não são minimamente relevantes para a compreensão da sociedade chinesa, sem prejuízo de se referirem também aspetos interessantes. Talvez fosse de aconselhar a todos os jornalistas portugueses que falam da China e chineses que falam de Portugal uma prévia leitura do livro de Edward Saïd, *Orientalism*.⁴⁷

Isto para não falar de falhas e incorreções mais caricatas. Por exemplo, na China designa-se os tristes acontecimentos de 4 de junho de 1989 por 六四 *liù sì* (ou seja, 6 e 4, sendo que seis indica o mês, junho, e 4 o dia). Certa vez, um jornalista⁴⁸, ao fazer um comentário sobre este assunto e talvez para mostrar que sabia chinês, decidiu ilustrar o seu brilhante artigo com a ordem dos caracteres invertida e de pernas para o ar. Ou ainda, aquando de uma visita oficial do Presidente Hu Jintao a Portugal, mencionava-o sempre como “Jintao”, sem ter em conta que os nomes chineses começam pelo apelido, seguindo-se-lhe o nome próprio. Imagine-se o que seria se o Presidente português fosse em visita oficial à China e os *media* chineses o tratassem por “Aníbal”.

Veja-se o artigo em baixo que, embora já desatualizado em cinco anos, me parece ser

⁴⁷ Cf. [http://en.wikipedia.org/wiki/Orientalism_\(book\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Orientalism_(book)), consultado a 24 de janeiro de 2013.

⁴⁸ Não recordo em que jornal e em que dia. NdA.

um exemplo muito representativo daquilo que não deve ser a abordagem ao “outro”:

PLUMA CAPRICHOSA

A praga chinesa

NÃO SEI se os chineses estão impressionados com o nosso choque tecnológico ou com as chocantes palavras do ministro Manuel Pinho, mas não podemos negar que os chineses se interessam violentamente pelo território português nos últimos anos. Violentamente, a meu ver, porque as lojas com lanternas vermelhas à porta, género «papier machê», são as lojas mais esqueléticas e desgraçadas que alguém se lembraria de implantar em território europeu. As lojas chinesas estão em toda a parte, entulhadas de mercadoria made in China, tretas descartáveis, plásticos, quinquilharias, resíduos pós-industriais daquelas regiões remotas do Oriente onde as crianças são mão-de-obra escrava e as mulheres também, nesse gigantesco Grande Salto para a Frente que fez da nova China que os nossos governantes tanto admiram um exemplo do triunfo capitalista.

Por qualquer razão que me escapa, que nos escapa e que, diz-se à boca pequena, tem a ver com os interesses colonizadores da China e a nova versão do perigo amarelo, as lojas chinesas reproduzem-se como coelhos por esse Portugal fora, e no Alentejo abrem exacta-

lizam, a sociedade chinesa representa um atropelo constante desses direitos, sobretudo no tratamento das mulheres nas zonas rurais, e na negação dos direitos das mulheres. Ainda não foi há muito tempo que se descobriu o que acontecia às meninas recém-nascidas e indesejadas, mortas à nascença ou torturadas em orfanatos concebidos como jaulas. A população chinesa tem neste momento um problema de falta de homens, simplesmente porque se entreteve, durante décadas, a exterminar as mulheres e a matar o sexo feminino. Tudo, na China, é estranho à sensibilidade europeia, e não é pelo facto de a China ser uma potência emergente que se tornou uma sociedade mais humana ou mais amável. Do ponto de vista político, o sistema chinês é uma aberração, uma ditadura disfarçada de mercado livre, onde os dissidentes continuam a ser presos e a desaparecer, onde as vozes discordantes são silenciadas e onde o segredo é imperioso e uma garantia de vida. Na verdade, ninguém sabe o que se passa dentro da China excepto no que diz respeito ao mercado potencial e ao salto económico, e ninguém está muito disposto a saber, para não prejudicar as relações comerciais. O massacre de Tiananmen não foi assim às tantas anos, e os que passam o tempo a criticar Cuba e a suspirar pelo sistema democrático que se seguirá à morte de Fidel, ignoram olímpicamente a ditadura chinesa e fazem negócio com um dos países mais sinistros do mundo. A China, que investiu em Cuba como investe em África e na Ásia, sabe cuidar muito bem dos seus interesses, e o seu modelo de desenvolvimento caracteriza-se por esse mau gosto e esse estilo baratucho que são a nota dominante dos hotéis chineses de Havana ou das lojas chinesas de Beja e Évora.

Na verdade, é impossível não perguntarmos o que diabo fazem tantas lojas chinesas em território português e quem sustenta e apoia estes comerciantes que



A China, além de poluir a terra, polui o mundo com o seu modelo de negócio

CLARA FERREIRA ALVES

mente no mesmo lugar onde fecharam, por falta de clientes, as lojas portuguesas. Vêem-se lojas chinesas à beira da estrada, nas ruas principais, nos centros comerciais. Vêem-se lojas chinesas encostadas a restaurantes chineses e sem estar encostadas a restaurantes chineses, cobertas de flores de plástico e de cartazes a dizer que está tudo a menos de 1 euro, ou de 10 euros, ou qualquer quantia irrisória. Lá dentro é o bazar desarrumado e sintético, exemplo milagroso do crescimento económico destinado a produzir lixo. As lojas chinesas são inestéticas, são concorrência desleal e estão a matar o equilíbrio do mercado e das lojas tradicionais portuguesas.

Se esta frase parece racista é provavelmente porque ela é racista. Não tenho simpatia pelas condições humanas e de trabalho na China, não me embasbaco com as Avenidas Madison de Pequim, e acho a sociedade chinesa cruel, fechada e desinteressante, remota em relação aos nossos gostos e conceitos. Os chineses são impenetráveis e a sua cultura de massas representa o que de mais «kitsch» a Humanidade consegue fabricar e vender pelo puro prazer do consumo gratuito. E quanto aos direitos humanos, que o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros e outros tantos desva-

resolvem vir para Portugal e para uma região de Portugal que está nos antípodas da sua sensibilidade, como o Alentejo. Quem sustenta e apoia estes imigrantes que não sabem falar português e que não são de Macau nem são sobras do império, e lhes diz para vir inundar zonas economicamente deprimidas com quinquilharia ambulante. A China, além de poluir a terra (e toda a gente sabe que já não se consegue respirar em Hong Kong), polui o mundo com o seu modelo de negócio. Talvez pudéssemos retribuir abrindo umas lojas de pastéis de bacalhau e galos de Barcelos na China, mas, até lá, somos inundados com óculos de ver ao perto, rosas artificiais, brinquedos, vestidos de poliéster, cabides, bugigangas, enfeites, paisagens amarelas e cor-de-rosa, sacos, tapetes, sapatos, altifalantes, relógios, colares, contas, cartazes... e montras de entulho.

unica@expresso.pt

Figura 13 Cr fica à China no Expresso 49

Parece-me que a autora tem uma atitude de enorme agressividade e ignorância em

⁴⁹ Expresso, 9 de fevereiro de 2007.

relação à China. Evidentemente, enquanto chinesa senti um grande desagrado ao ler o texto em baixo, mas penso que a qualquer leitor sensato e conhecedor, que não precisa de ser chinês, este artigo desagradará. Termos como “violentamente”, “interesses colonizadores”, “perigo amarelo”, ou “lojas esquálidas”, ou ainda frases como “ não podemos negar que os chineses se interessam violentamente pelo território português nos últimos anos” e “a sociedade chinesa cruel, fechada e desinteressante”, não me parece que revelem um jornalismo, mesmo que de opinião, sério, esclarecido, inteligente.

Avançaria apenas sobre dois aspetos referidos neste lamentável texto, a saber, o problema da poluição (já largamente desenvolvido neste meu trabalho) e o problema dos direitos humanos, em particular a condição feminina.

Como chinesa que tenta ser séria nas análises que faz sobre o mundo e sobre o seu próprio país, não posso nem devo negar que há problemas seriíssimos de poluição na China. Todavia, penso também que este triste fenómeno apresenta alguma inevitabilidade em sociedades com rápido crescimento económico. Lembremo-nos de quantos milhões e milhões de chineses foram recuperados à extrema pobreza e à fome nas últimas décadas na China. Lembremo-nos também de que não foi a China o primeiro grande poluidor do mundo, foi, sim, a civilizada Europa. E se Portugal da Sra. Clara Ferreira Alves não contribuiu assim tanto para esse primeiro e terrível fenómeno de poluição do século XIX é porque o seu país era então um país muito atrasado em termos de revolução industrial, e não só.

Existem, sim, problemas graves em termos de direitos humanos, não o podemos nem devemos negar. Todavia, devo porém aconselhar esta senhora a estudar um pouquinho da história da China, sobretudo a mais recente, coisa que seguramente não fez. E, já agora, também um pouquinho de história da Europa, Portugal incluído. Quanto à condição feminina, a senhora está de facto muito enganada, porquanto a mulher goza na China um estatuto legal e real perfeitamente idêntico às mais desenvolvidas sociedades

do mundo, como também será o caso de Portugal. O que há aqui é uma enorme confusão entre fenómenos de natureza diferente.

Será porventura possível que um país só tenha aspetos tão negativos? Pelo texto, parece que a China não passa de um inferno e que os chineses da diáspora são sobretudo refugiados, fugidos da violência. Aponta este artigo para factos e problemas reais? Sim, mas isso ainda poderá torná-lo pior. Como se costuma dizer, a mentira só é eficaz quando contém qualquer coisa de verdade.

Apenas para terminar, cito aquilo que, em minha opinião, diz tudo sobre o texto e sobre a autora, como segue: “Se esta frase parece racista é porque provavelmente ela é racista”. Estou totalmente de acordo, apenas me parecendo importante retirar-lhe o advérbio de modo “provavelmente”.

Por último, tomo a liberdade de pensar e acreditar que a maioria dos portugueses não se revê nestas diatribes, que a “imagem” da China em Portugal será muito mais objetiva e muito mais compreensiva.

Capítulo III

O poder dos *media* na China:
Linguagem e Criação de Imagem de Portugal
análise de alguns aspetos

Para compreender como os Chineses veem Portugal através dos *media* (análise de algumas reportagens), tentarei aqui analisar um documentário chinês relativo a Portugal, bem como alguns textos e fontes também chinesas.

III.1 Documentário - Ascensão de Grandes Nações – Primeiro Episódio - A Era da Navegação: Portugal e Espanha. (大国崛起 – 海洋时代: 葡萄牙, 西班牙, dàguó juéqǐ - Hǎiyáng shídài: pútáoyá, xībānyá)

A série de documentários históricos, *Ascensão de Grandes Nações* foi lançada pela Televisão Central da China (CCTV) em 2006⁵⁰. Narra a história de nove grandes nações: Portugal, Espanha, Holanda, Reino Unido, França, Alemanha, Japão, Rússia e Estados Unidos da América. Estas potências ascenderam sucessivamente, desde 1500, até atingirem, cada uma a seu tempo e em maior ou menor grau, uma considerável influência a nível mundial. A transmissão da Série causou uma reação abrangente por parte da sociedade chinesa e despertou, também, uma atenção mais difundida para estes fenómenos históricos a nível internacional. Os espectadores receberam a série documental de diferentes modos. Verificou-se uma interessante panóplia de opiniões na Internet, nos jornais, na televisão e noutros meios de comunicação social.

III.1.1 Resumo do Episódio (sobre Portugal)

Em 1143, depois de um longo período de guerra, Portugal alcançou a independência do Reino de Leão e Castela. Mas a sociedade ainda não estava estabilizada, a Reconquista só terminaria em 1245. Com a definitiva conquista de Algarve, o espaço geopolítico de expansão portuguesa esgotou-se na península. Os portugueses começaram a pensar no mar, designadamente devido à atração do comércio de especiarias e ao proselitismo religioso.

⁵⁰ Cf. <http://finance.cctv.com/special/C16860/01/index.shtml>, consultado a 2 de junho de 2012.

O Infante D. Henrique reuniu estudiosos de diferentes nações e fés para organizar o plano de navegação. Após uma longa preparação que terá durado 21 anos, as frotas portuguesas começaram a sua aventura. Desde então, os portugueses foram navegando progressivamente mais e mais para sul, ao longo da costa oeste africana. Alguma riqueza foi sendo conseguida com este processo e sendo também reinvestida em mais empreendimentos marítimos. Finalmente, chegaram ao extremo sul de África, o Cabo das Tormentas, que foi renomeado pelo Rei D. João II como Cabo da Boa Esperança, sendo um importante acontecimento na história da humanidade.

Entretanto, a Espanha terminou o seu processo de reconquista da península aos povos islamizados do sul, o *Andaluz*, depois de um longo período de guerra. A Rainha de Espanha, Isabel I, a Católica, financiou a navegação para o Ocidente de Cristóvão Colombo, que foi friamente tratado em Portugal. Finalmente, chegou ao novo continente, a América. D. João II de Portugal ter-se-á arrependeu-se muito (ou talvez não!).

Em 1498, o navegador Vasco da Gama chegou à Índia. Depois verificou-se a primeira viagem de circunavegação da história, feita por Fernão de Magalhães. O mundo fragmentou-se mais compreensível, e mais pequeno. As primeiras grandes potências, Portugal e a Espanha, dividiram o mundo a descobrir e colonizar em duas metades, num longo processo de competição e negociação, através do muito célebre Tratado de Tordesilhas.

Os dois países estabeleceram impérios coloniais globais através de linhas marítimas novas e modernas competências navais e militares. Atingiram o auge na segunda metade do século XVI. No entanto, não utilizaram as numerosas riquezas que daí provieram para investir no desenvolvimento da indústria e do comércio. Antes pelo contrário, tanta riqueza fácil e rápida terá mesmo empobrecido o tecido económico dentro de fronteiras. Rapidamente, estas duas grandes potências mundiais iniciaram o

seu longo e algo doloroso período de declínio.

III.2 A Objetividade Relativa do Documentário

Portugal pode, em certo sentido, ser considerado como a primeira potência colonial na história do mundo moderno. Os diferentes tipos de territórios por Portugal colonizados ou administrados ficavam em África, América do Sul e Ásia. Macau, na China, foi ocupado e administrado, como já referido, por um certo período considerado como colónia) por mais de 400 anos. Todavia, atualmente, o povo chinês não tem qualquer antipatia ou ressentimento pelos portugueses ⁵¹, nada que se pareça, por exemplo, o que acontece com os ingleses e, sobretudo e por maioria de razão, com os japoneses ⁵². Durante a guerra de agressão contra a China, o que implicou a ocupação de uma enorme parte do seu território, o Japão cometeu crimes de guerra intoleráveis ⁵³, de modo que deixou uma "herança" enorme de repúdio e ressentimento nacionais, enquanto que a ocupação portuguesa de Macau quase sempre teve como objetivo principal o estabelecer uma base permanente de comércio. Além de algumas escaramuças, nunca foram cometidos crimes que seriamente tivessem afetado a relação entre os dois povos. Sendo assim, hoje em dia, quando se fala sobre Portugal, os chineses nunca falam sobre Portugal com qualquer emoção negativa causada por problemas históricos. Neste documentário, pode verificar-se uma atitude muito objetiva sobre Portugal.

Esta série de documentários históricos é uma produção de qualidade com profundidade e amplitude generalizadamente reconhecidas. O nível de credibilidade destes programas da CCTV, canal estatal, deve-se também aos numerosos contributos de professores catedráticos, estudiosos, empresários e altos funcionários governamentais.

⁵¹ O que, de resto, terá acontecido a maior parte do longo tempo da existência de Macau administrado por Portugal, sem o que, com toda a probabilidade, a história do território teria sido outra, dada a enorme desproporção de poder bélico e de escala entre a China e Portugal. NdA.

⁵² Os processos históricos, por exemplo, de Hong Kong e Macau, são absolutamente diferentes. Enquanto o primeiro foi uma espécie de "troféu" da Primeira Guerra do Ópio, Macau terá sido um estabelecimento gradual dos portugueses naquele minúsculo território através de permanentes e difíceis negociações, provavelmente com muita recíproca corrupção à mistura. NdA.

⁵³ Que hoje em dia não deixariam, com toda a certeza, de deixar de ser apreciados em sede de Tribunal Penal Internacional! NdA.

A maioria das peças apresentadas foram filmadas nos países de origem, contribuindo assim para a criação de cenários e testemunhos de grande realismo. No fim de cada um dos episódios agradece-se o apoio recíproco das embaixadas, neste particular, da China em Lisboa e de Portugal em Pequim.

No primeiro episódio, “A época da exploração marítima: o começo, Portugal e Espanha”, inserem-se vários vídeos de entrevistas a professores catedráticos, historiadores, e estudiosos portugueses. Por exemplo, o historiador e muito televisivo José Hermano Saraiva faz um resumo conciso das características de Portugal nos séculos XII e XIII como segue: “O que caracteriza Portugal dos Séculos XII e XIII, é que não é um país feudal, é um país popular. O rei apoia-se não em nobres seus vassalos mas nas câmaras do povo.”⁵⁴ Tudo isto revela a seriedade do produtor e destaca uma atitude de respeito pelos factos históricos através da inserção das opiniões de especialistas portugueses, o que evidencia o esforço da produção no sentido de uma objetividade autorizada academicamente.

Neste documentário refere-se muitas vezes o capitalismo, pondo de parte quaisquer dogmatismos marxistas. Outras doutrinas e teorias são aceites, quebrando as restrições ideológicas oficiais anteriores, o que é um progresso considerável. Em toda a série, introduzem-se factos, na maioria, históricos, sem quaisquer preconceitos ideológicos. Mostra-se o mundo tal qual ele é, deixando aos espectadores a liberdade de comentar, analisar e escolher quais as linhas de pensamento, não se elogiando ou criticando seja o que for. Deste ponto de vista, o documentário é como um *self-service*. Oferece diversos pratos à audição, deixa-os escolher livremente. É um aspeto fundamental que faz a diferença desta série documental comparada com outros documentários promovidos no passado pelo governo chinês.

⁵⁴ Citado diretamente do programa televisivo.

III.3 A Análise de alguns aspetos históricos.

Para os chineses, o aspeto mais importante da imagem de Portugal é sobretudo a sua história. Neste documentário podemos compreender muitos aspetos da história portuguesa. Através das suas muitas narrativas, o programa mostra um Portugal com uma história rica e positivamente apreciada pela inteligência chinesa.

III.3.1 Contributos de Conhecimento e Tecnologia

O documentário deu uma considerável importância ao nível português, no campo da ciência, tecnologia e economia, do tempo dos descobrimentos. Não deixando de mencionar o quanto essa época de expansão portuguesa custou em sangue e sofrimento, o documentário focou-se mais nas vertentes científicas, económicas, filosóficas, artísticas e culturais do país de então. Por exemplo, o episódio dá ênfase ao aperfeiçoamento da tecnologia naval, à aplicação de conhecimentos da matemática e da física na navegação, bem como à expansão do comércio global. Tudo isto é de muita importância no processo histórico global.

Joaquim Romero Magalhães, ex-Presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, explicou no documentário os contributos da importante obra de Cláudio Ptolomeu⁵⁵: *Geographike Hyphegesis*⁵⁶, então traduzida em Latim. A aceitação generalizada da “Terra Redonda” dissipou quaisquer preocupações quanto a um fim geográfico do mundo donde se podia cair no inferno de repente, um dia, se se avançasse descuidadamente para lá. Os conhecimentos quase científicos, dados e hipóteses inspiraram e ajudaram imensamente os portugueses

⁵⁵ Cláudio Ptolomeu, Astrónomo, matemático e geógrafo grego, Cláudio Ptolomeu (Claudius Ptolemaeus) nasceu provavelmente no ano 90 d.C., em Tolemaida, Hémia (Egito), e faleceu, por volta de 168 d.C., em Alexandria (Egito). Deram um grande contributo ao avanço da astronomia, matemática, geometria, física e geografia. Informações obtidas em [http://www.infopedia.pt/\\$claudio-ptolomeu](http://www.infopedia.pt/$claudio-ptolomeu), consultadas a 9 de maio de 2012.

⁵⁶ Ptolomeu escreveu obras importantes das quais se destaca na qual descreveu as terras conhecidas até então, no mundo ocidental, embora com imprecisões de cálculo. Apesar disso, os seus trabalhos serviram de apoio e orientação para as grandes descobertas. Um erro de cálculo fez com que nos seus mapas a Ásia se estendesse mais a leste (ficando mais próxima da Europa). Informações obtidas em [http://www.infopedia.pt/\\$claudio-ptolomeu](http://www.infopedia.pt/$claudio-ptolomeu), consultadas a 9 de maio de 2012.

na aventura dos Descobrimentos.

Muitos especialistas e estudiosos de diferentes raças e fés religiosas, italianos, árabes, judeus e mouros, foram reunidos sob o patrocínio do Infante D. Henrique. Na Idade Média, a era em que os não cristãos eram perseguidos gravemente, devemos dizer, o comportamento sem preconceitos que foi assumido Infante D. Henrique demonstrou uma inteligência fina e, talvez também, um coração grande. Os especialistas e estudiosos desenvolveram consideravelmente a construção naval e as técnicas de navegação. Foi ainda fundada uma comissão composta por matemáticos e astrónomos para aplicar os seus conhecimentos científicos à navegação, navegação esta que também, por sua vez, muito fez progredir a ciência. Podemos concluir assim o quanto este vídeo televisivo expressa a admiração por um grande homem que soube dar a devida importância ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, deste modo afirmando o contributo dos portugueses para a Grande História.

Além disso, através das tentativas comparativas, o produtor queria também alcançar o objetivo de referir do ressurgimento pacífico da China na cena internacional como grande potência. Podemos talvez adivinhar algum sentido moral no programa, no sentido de incentivar os povos a trilhar os caminhos do desenvolvimento, enfatizando a importância da ciência, da tecnologia, da economia, sem guerra, sem invasão, sem violência, sempre no caminho da paz.

III.3.2 País Católico

Portugal é um país de influência católica. A crença desempenhou um papel significativo nas atividades marítimas. Cerca do ano de 1500, uma das maiores motivações dos Descobrimentos foi o entusiasmo missionário global e a confiança em Deus. O documentário que estamos a analisar refere que quando perguntaram a Vasco da Gama qual o propósito de ir à Índia, ele terá respondido de forma sintética:

“Buscamos cristãos e especiarias.”⁵⁷

O Infante D. Henrique, como já foi referido, teve um papel significativo na história da navegação. A professora catedrática de estudos da religião, Natália Correia, falou acerca do Infante D. Henrique como segue: “Portanto, o Infante D. Henrique, segundo nos foi transmitido pelas crónicas da época, sobretudo de Fernão Lopes, era uma personagem muito ponderada e muito determinada. Sabia exatamente o que queria e sabia rodear-se dos melhores conselheiros”⁵⁸. É um comentário que nos pode ajudar a termos uma impressão mais completa do Infante.

Quando se refere ao Infante D. Henrique, o comentário é: “Não podemos dizer se D. Henrique, que tinha uma aparência rígida, foi tolerante porque era ambicioso, ou se era ambicioso devido à sua tolerância”⁵⁹. Conquanto o infante nunca tivesse realmente navegado navegar, a posteridade chamou-o “navegador”, numa espécie de título póstumo de reconhecimento. Permaneceu solteiro por toda a vida e serviu o seu país devotamente, em Sagres, por 45 anos. Dedicou-se aos esforços da navegação com uma crença piedosa. Embora os frutos dos Descobrimentos fossem gloriosos, o processo foi muito penoso. Naquela altura, a vida no mar era dura. Os marinheiros sofriam com água contaminada e comida estragada, chegavam a comer ratos e vermes, enfrentando sempre o medo do desconhecido em frente. A confiança em Deus foi talvez a maior força moral para a sua resistência. A cultura religiosa pode unir os povos, fortalecer as coesões espirituais e a consistência de comportamentos.

Diferente de Portugal, a China é um país multirreligioso. Há budistas, taoistas, muçulmanos, cristãos e, talvez a maior parte, ateus. Neste país de pessoas de várias fés ou sem fé, é imprescindível o respeito mútuo. Será assim que os chineses se devem apresentar aos portugueses, como não sendo exclusivos mas respeitadores de diferentes

⁵⁷ MENEZES, 2000, 145. A frase original que Vasco da Gama disse foi citada no livro de Menezes. No vídeo televisivo refere-se em chinês: 基督徒, 香料. NdA.

⁵⁸ Citado diretamente do vídeo televisivo. NdA.

⁵⁹ Citado diretamente do vídeo televisivo. 我们无从知道看起来面容古板的恩里克王子是因为具有雄才大略而包容, 还是因为包容而具有了雄才大略。

convicções e reconhecendo tudo o que de bom foi feito na história pelos portugueses.⁶⁰

III.3.3 Objetivo e Interesses Econômicos

Outra grande motivação para os Descobrimentos foi, naturalmente, o interesse econômico. Como mencionado acima, a resposta de Vasco da Gama para justificar a sua ida à Índia só incluiu dois elementos, tendo as “especiarias” sido um deles. Mas dinheiro ou missão, qual foi o mais importante? Porventura apenas a combinação de ambos pôde produzir uma tamanha força para esta histórica aventura.

As especiarias eram de grande importância naquela época. Mesmo que hoje em dia pareça um pouco incompreensível, na época, sem frigorífico, a conservação da comida dependia muito das especiarias. Podemos ver no documentário o quanto o preço das especiarias chegou a um nível sem precedentes, e, sendo produtos que se não cultivavam em solo europeu, o seu lucrativo comércio era monopolizado por comerciantes árabes e venezianos, com as rotas comerciais do Mediterrâneo oriental controladas pelo Império Turco Otomano. Os portugueses tentaram encontrar uma solução, e, após um longo período de aventura, finalmente eles alcançaram a meta, chegaram à Índia contornando África e obtiveram as desejadas especiarias, igual a ouro, sem necessidade de intermediários. “Os Portugueses dominaram o comércio tremendamente lucrativo das especiarias durante a maior parte do século XVI, conferindo uma nova dimensão política e econômica à sua pequena faixa de continente europeu”.⁶¹

Além disso, mesmo antes de chegar à Índia, Portugal já tinha usufruído de muitas riquezas com a sua progressiva exploração da costa ocidental africana, tais como ouro, marfim, joias, e escravos. Podemos afirmar que, a partir do século XV, Portugal foi-se afirmando como uma grande potência marítima europeia.

⁶⁰ Evidentemente, nem tudo tendo sido positivo. NdA.

⁶¹ HATTON, 2011, 71.

III.3.4 País Unificado

A unidade do país e do povo é também um importante fator a ter em consideração. No documentário em causa diz-se que “em 1143, Portugal surgiu como uma monarquia independente que se dedicou à reconquista do sul aos mouros, tendo sido mais tarde reconhecido como tal pelo Papa. Este foi o primeiro estado-nação unificado no continente europeu ⁶²”.

Felizmente para Portugal, no Século XV, quando estava a colher os frutos das suas explorações navais, o resto da Europa estava ainda mergulhado em conflitos e intrigas da Idade Média, no contexto da Guerra dos Cem Anos ⁶³. Inglaterra, França, Alemanha, Espanha, e outras sociedades, eram países em constantes guerras e conflitos, grandes e pequenas. Não havia dinamismo, excedentes e bases estáveis para se poder pensar em qualquer aventura marítima. Caso não tivesse sido assim, talvez os portugueses não pudessem obter tão grandes êxitos.

É isto um dado significativo nas condições de possibilidade de desenvolvimento das sociedades. No imenso território chinês existem ainda alguns problemas por resolver, como seja o caso de Taiwan, havendo quem em Taiwan, não a maioria, considere que a ilha deveria ser um país independente, enquanto para o Governo chinês e para a maioria da população Taiwan é uma província chinesa. Ou a Ilha Diaoyudao (钓鱼岛, *dìàoyú dǎo*), em japonês *Senkaku-shotō*, cuja soberania é reclamada pelos dois países, sendo ainda fonte de potencial conflito, como acontece também com muitas outras ilhas do Mar do Sul da China. A China tem a aspiração em resolver estes problemas de forma pacífica, como é também referido do documentário estudado.

⁶² Citado diretamente do vídeo televisivo, com tradução livre. 公元 1143 年，一个独立的君主制国家葡萄牙，在光复领土的战争中应运而生，并且得到了罗马教皇的承认，这是欧洲大陆上出现的第一个统一的民族国家。

⁶³ Guerra dos Cem Anos é: “Conflito que, entre 1337 e 1453, entrecortado por períodos de paz, opôs Inglaterra e França. São vários os antecedentes deste conflito e este não se deve entender apenas como conflito militar, a ele se juntam numerosos conflitos e perturbações sociais e económicas. (...) Poderá enfim, dizer-se que a Guerra dos Cem Anos marca o final da Idade Média e anuncia a Época Moderna.” Informações obtidas em [http://www.infopedia.pt/\\$guerra-dos-cem-anos](http://www.infopedia.pt/$guerra-dos-cem-anos), consultadas a 13 de janeiro de 2013.

III.3.5 Povo Aventuroso. Os Descobrimentos

Os Descobrimentos são o primeiro episódio de um fenómeno de expansão planetária dos povos cristãos-europeus iniciado nos séculos XV e XVI, onde Portugal desempenha um papel vanguardista e fundamental. Graças aos Descobrimentos, Portugal abre as portas a um longo processo histórico, ainda em desenvolvimento, de globalização da humanidade, contribuindo decisivamente para a abertura do universo planetário pertença de todos.

É sempre uma tarefa difícil descobrir as origens de fenómenos complexos. Mas, desde o Século XV que o povo português começou a singrar pelos Oceanos Atlântico e Índico, por um longo período de tempo, sem interrupção nem esmorecimento.

*Buscando e achando terras e gentes que se desconheciam, os portugueses espalharam-se em pouco mais de um século (de 1415 a 1543) desde o Norte de África ao Japão e ao Brasil, sendo, dessa forma, os agentes da ligação de quase todas as partes da Humanidade.*⁶⁴

Portugal estava entalado entre o poderoso vizinho, Espanha, e o mar, levando a que a única via possível para se desenvolver fosse o mar, naquela época. Os portugueses, que tinham um espírito positivo e bravo, começaram a conhecer o mar e navegar em direção ao mundo novo.

É que progressivamente à medida que se vai conhecendo uma extensão cada vez maior de oceano, vai-se construindo uma diferente ideia mental do que é o oceano. E assim, partindo-se dessa

⁶⁴ ANTUNES, 2003, 2.

*ideia inicial do oceano enquanto zona estreita costeira que liga Gibraltar ao mar do norte, partido dessa ideia, cada vez mais o oceano vai tendo uma expressão geográfica situada mais a sul, e simultaneamente mais para o ocidente.*⁶⁵

Luís Adão da Fonseca, professor catedrático da Universidade do Porto, explicou no vídeo o processo de descobrimento do Oceano Atlântico durante o período dos Descobrimentos.

Refere-se à “frota mista de Zheng He⁶⁶” algumas vezes. Por exemplo, “A frota de Zheng He fez sete viagens para o Ocidente, não para abrir rotas comerciais, mas para proclamar a virtude e poder do imperador. Com a morte de Zheng He chegou ao fim a presença chinesa nos mares⁶⁷.” Ou ainda, “Comparada com a frota mista de Zheng He, a frota portuguesa, de um punhado de navios, era modesta. Porém, com sua sede natural de aventura, o seu desejo de riquezas e o fervor religioso intenso, os Portugueses finalmente quebraram as barreiras psicológicas e físicas da navegação europeia na Idade Média⁶⁸.”

Nas entrelinhas revela-se algum elogio comparativo aos portugueses devido à falta de perseverança chinesa no controlo dos mares, quando tinham mais e melhores meios para o fazer. Talvez a causa disto resida num justificado orgulho chinês nas suas inúmeras e fantásticas realizações inovadoras havidas no passado, deixando alguma ideia enganadora de que “mais não seria necessário”.

O Infante D. Henrique reuniu estudiosos de diferentes nações e fés para organizar o

⁶⁵ Citado diretamente do vídeo televisivo. NdA.

⁶⁶ Zheng He (郑和 Zhèng Hé) (1371 -1433) foi um explorador chinês do século XV. Realizou viagens por mar pelo sudoeste asiático e pelo Oceano Índico. Chegou à Índia, ao Mar Vermelho e a Moçambique. Informações obtidas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Zheng_He, consultadas a 17 de agosto de 2012.

⁶⁷ Citado diretamente do vídeo televisivo. 郑和的船队七下西洋，但不是为了开拓贸易，而是为了宣扬皇帝的德威。郑和死后，中国人的身影就在海洋上消失了。

⁶⁸ Citado diretamente do vídeo televisivo. 与中国郑和的混合舰队相比，葡萄牙人的两三条帆船微不足道，但是，凭着爱冒险的天性、对财富的渴望以及强大的宗教热情，葡萄牙人终于冲破了中世纪欧洲航海界在心理和生理上的极限。

plano da navegação. Após uma preparação de 21 anos, a(s) frota(s) portuguesa(s) iniciaram a sua aventura. Navegaram para o sul, ao longo da costa oeste africana e, finalmente, chegaram ao extremo sul de África, o Cabo das Tormentas, renomeado posteriormente pelo Rei D. João II como Cabo da Boa Esperança. Foi referido por Adam Smith, economista e político inglês do século XVIII, em 1776, que tal evento terá sido um dos “maiores e mais importantes acontecimentos registados na história da humanidade”, no seu *Tratado sobre a Riqueza das Nações* ⁶⁹.

Os Descobrimentos foram de facto a glória aventureira do povo português, embora também tenham sido uma prosperidade deploravelmente meteórica.

III.3.6 Alguma análise crítica

É verdade que os documentários analisados foram produzidos meticulosamente pela CCTV com o contributo intelectual e erudito de muitos estudiosos conhecidos, mas ... nada é perfeito, inevitavelmente.

Por exemplo, quando o historiador José Hermano Saraiva fez o resumo conciso das características de Portugal nos séculos XII e XIII, diz que “o rei apoia-se não em nobres seus vassallos mas nas câmaras do povo.” ⁷⁰ Todavia, a legenda em chinês foi traduzida deste modo: “葡萄牙的国王不仅受到贵族、也就是他的臣属的支持，而且得到百姓的拥戴 *pútáo yá de guówáng bùjǐn shòudào guìzú, yě jiùshì tāde chéngshǔ de zhīchí, érqiě dédào bǎixìng de yōngdài*”, que significa o rei apoia-se **não só** nos nobres seus vassallos **mas também** nas câmaras do povo. “不仅...而且...” significa “**não só...mas também...**”. Contudo não é este o significado do português original. Talvez a tradução seja mais consentânea com a realidade histórica do que o testemunho original.

⁶⁹ Apud CAMARA, 17.

⁷⁰ Jácitado. NdA.

Sobre a Escola de Sagres

Quando se refere a Sagres, no documentário diz-se que: “Sagres, uma pequena vila isolada de pescadores na parte mais a sudoeste de Portugal, ainda hoje longe de tudo. De acordo com os anais portugueses, no Século XV, a primeira Escola de Navegação da história foi a construída sob a direção de Infante D. Henrique. Tinha um observatório e uma biblioteca dedicada à navegação”⁷¹.

A existência ou não da Escola de Sagres já foi amplamente debatida no panorama historiográfico português. A maior parte dos estudiosos portugueses acham que ela nunca existiu, por que não se descobriram nenhuma prova factual e documental que possam comprovar sem dúvidas a existência de tal escola, tais como vestígios os mais variados ou documentos originais.

Pestana Ramos, escritor brasileiro, escreveu um livro intitulado “Por Mares Nunca Dantes Navegados: A Aventura dos Descobrimentos”, onde demonstra a inexistência da Escola de Sagres. Salientou que as citações acerca da escola de Sagres, supostamente criada pelo Infante D. Henrique para desenvolver tecnologias náuticas, são baseadas apenas numa fonte inglesa. Na verdade, as citações são baseadas num único mapa de um pirata inglês que registou algumas construções em Sagres na época, nada referente à existência de uma escola de navegação.⁷²

No livro *Frei Gonçalo Velho* em 1899, o historiador português Ayres de Sá é categórico refere-se a Escola de Sagres como segue:

Não consta a fundação de um observatório e escola em Sagres ou

⁷¹ Citado diretamente do vídeo televisivo. 萨格里什，葡萄牙最南端的一个小渔村，直到今天，这里仍然荒凉无比。根据葡萄牙编年史的记载，15世纪时，在恩里克王子的主持下，这里曾经建立过人类历史上第一所国立航海学校，曾经有过为航海而建的天文台和图书馆，这座建于15世纪的灯塔，经历了近六百年的风霜雪雨，依然骄傲地矗立着。

⁷² Cf. <http://www.publico.pt/Cultura/brasil-historiador-nega-existencia-da-escola-de-sagres-1364441>, consultado a 20 de maio de 2012.

em qualquer outra parte. Não existe o mínimo sinal de antigo edifício desse género. Finalmente, seria para espantar que uma tão importante inovação passasse despercebida aos próprios biógrafos do infante, seus contemporâneos, e que os sábios estrangeiros fossem, por tal forma, desprezados que nem se lhes sabe os nomes.

73

Assim podemos determinar basicamente que o que se chama “a Escola de Sagres” de facto não existiu. Mas existiu uma outra escola. Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Já Thomaz Óscar Marcondes de Souza, acha que existia uma escola assim, mas estava em Lagos.⁷⁴

Quanto a este problema, não tenho evidentemente competência para uma opinião definitiva, todavia, em quase todos os artigos em chinês sobre o Infante D. Henrique é dito que existiu a tal Escola de Sagres. Parece que os autores das peças televisivas não consultaram suficientemente as fontes históricas nos originais portugueses.

III.3.7 O Reverso da medalha

A história é dialética. No reverso da grandeza há crueldade. No reverso da civilização há agressão. Os Descobrimentos são sinónimo de bravura, de esforço, e também de violência. Na obra dos descobrimentos, houve ações magníficas, mas houve também aspetos muito censuráveis. Se não tivesse havido ninguém que levasse a civilização para África, talvez os africanos subsarianos ainda fossem hoje em dia povos não incluídos na comunidade internacional enquanto países com um razoável nível de organização social e política (quem sabe?). Contudo, se a estes povos tivesse sido feita a pergunta se queriam a “civilização” conforme os modelos ocidentais com o custo que a história inequivocamente nos relata, com escravatura a mais desumana (e aqui os

⁷³ <http://www.historiazine.com/2011/11/escola-de-sagres-lenda-ou-realidade.html>, consultado a 20 de maio de 2012.

⁷⁴ Cf. <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/escola-sagres-realmente-existiu-435886.shtml>, consultado a 29 de dezembro de 2012.

portugueses têm uma grande quota parte de responsabilidade), com muito sangue e muitas lágrimas, talvez possa imaginar qual teria sido a resposta. A aventura colonizadora, e todos os processos históricos em geral, implicaram muito sofrimento, e nenhum de nós, neste caso portugueses e chineses, têm as mãos limpas.

O Infante D. Henrique é verdadeiramente um santo? Também é controverso. Afinal, foi o líder da navegação, deu ordens de depredação e iniciou o comércio de escravos negros, que, obviamente, não foram tratados como seres humanos, assim como nem toda a riqueza recolhida naquela altura era ganha através de comércio limpo. “D. Henrique beneficiou igualmente do direito de guardar para si o quinto de todos os géneros e elementos, incluindo escravos, que resultassem de tais atividades e que por norma revertiam para a Coroa”⁷⁵. Se fosse um santo, seria só santo para os portugueses, mas talvez diabo para os nativos africanos.

No documentário em análise, este reverso da medalha não foi desenvolvido. De todo o modo, não é fácil uma criteriosa seleção de factos históricos num episódio de cerca de 45 minutos. É impossível abordar todos os aspetos, grandes e pequenos, do percurso de ascensão e declínio de um processo histórico ou dum país. Alguns factos históricos terão sempre que ser deixados mais ou menos na sombra. Este documentário não terá dito nada quando não fosse preciso, dele podemos retirar muita informação, mas, por outro lado, terá dito o mínimo quando houvesse a dizer no que diz respeito a outras perspetivas da história. O produtor referiu que falava simplesmente sobre factos históricos, não lhe competia comentar a história com rigidez moralista, factos são factos. Mas quais? Não haverá outros factos também? Os factos não podem, ou pelo menos não devem, ser distorcidos, mas podem ser ignorados. Não podem ser negados, mas podem ser evitados. O documentário a que nos referimos de facto evitar a outra face da história, a guerra, a invasão, o abuso, a violência. A história dos Descobrimentos portugueses é realmente grandiosa, mas não escapa a esta triste constante da história da humanidade.

⁷⁵ VASCONCELOS, MONTEIRO e RAMOS, 2010, 191.

Os países que, desde 1500, ascenderam a impérios coloniais, sem exceção, conseguiram-no pela guerra, pela extorsão, pela ocupação e submissão de outros povos, etc. No entanto, parece que nestes documentários esta perspetiva foi praticamente omitida. Embora, no episódio sobre Portugal, seja referida a expansão colonial, em geral dá-se mais realce aos proventos e à grandiosidade da navegação. De facto, a navegação e os descobrimentos em si mesmos não produzem riqueza. O comércio é naturalmente um fenómeno saudável e legítimo, mas quanto deste “comércio” não era pura rapacidade? Mas deu-se ênfase à navegação e evitou-se a apresentação das guerras o mais possível.

Será isto ingenuidade ou astúcia? Sob a premissa de não distorcer os factos, omitem-se criteriosamente factos incómodos. Haverá aqui alguma motivação menos clara? O documentário refere que “o conhecimento e a coragem” engrandeceram Portugal, e elogia pelo seu espírito de aventura dos portugueses. Omite o lado negro de todo o processo histórico. Será que com tal se queiram encontrar modelos para a China, que tem um discurso oficial de engrandecimento pacífico? Os *media* chineses são alvo de forte intervenção governamental. Tendem a preferir notícias sobre assuntos muito gerais e que não levantem grandes questões de profundidade. A produção do documentário foi apoiada pelo governo chinês, opiniões e focagem refletem a orientação política oficial chinesa, ou pelo menos não a contraria. Ou seja, poderá haver aqui uma certa superficialidade intencional, não ingénua.

A partir deste tipo de conteúdos, poder-se-á porventura descortinar alguma intencionalidade de, através da apresentação da história da ascensão de grandes potências mundiais desde o século XV, explorar as razões que estão por detrás do seu florescimento, assim incentivando o desenvolvimento pacífico da China, incutindo talvez no público chinês a consciência de contribuir para o desenvolvimento nacional e, já agora, universal.

Nos primeiros anos do século XXI, a economia chinesa cresceu rapidamente, como consequência, o seu peso e influência globais no concerto das nações aumentaram continuamente e significativamente. Os chineses têm um grande sentido de orgulho na sua longa e antiga história, assim como um profundo desejo de voltar a ser a potência mundial que já foi antigamente. Como grande país em desenvolvimento, o modo como a China se vai posicionar na comunidade internacional tornou-se uma questão importante. Acredito que o programa televisivo da CCTV *Ascensão de Grandes Nações* surge neste contexto.

Simultaneamente, terá sido também uma “resposta” à teoria ou *slogan* da *China Threat* ou “Perigo Amarelo”. Esta teoria algo recorrente não é de hoje. Terá sido Napoleão que disse: “Quando a China acordar o mundo tremerá”⁷⁶. Nos *media* vão surgindo, aqui e ali, artigos sobre esta temática. Vejam-se os exemplos identificáveis em Al-Rodhan e Krauthammer, respetivamente como segue:

*Os proponentes da teoria da ameaça chinesa sustentam que é inconcebível a China ascender pacificamente; uma superpotência como a China irá inevitavelmente ser uma ameaça para os Estados Unidos.*⁷⁷

e

*A ascensão da China foi vista com incerteza e ansiedade no Ocidente. O seu crescimento rápido económico, modernização militar, e o aumento da procura da energia têm causado muitas discussões nos Estados Unidos sobre a "ameaça chinesa".*⁷⁸

⁷⁶ Cf. O ensaio de Alain Peyrefitte com este mesmo título em http://pt.wikipedia.org/wiki/Alain_Peyrefitte, consultado a 27 de janeiro de 2013.

⁷⁷ AL-RODHAN, 2007, 41 – 46. *Proponents of the "China threat" theory argue that it is inconceivable for China to have a peaceful rise; a superpower China will inevitably be a threat to the United States.*

⁷⁸ KRAUTHAMMER, 1995, 72. *China's rise has been viewed with uncertainty and anxiousness in the West. Its rapid economic growth, military modernization, and in recent years a surge in energy demand have made many in the United States talk about a "China threat". Policy makers, strategic thinkers, academics, and pundits have started exploring strategies of "containing" China, and rejecting the concept of "peaceful rise."*

A China assiste a um indiscutível desenvolvimento, mas o discurso oficial tem sempre insistido numa via pacífica e harmoniosa. O produtor terá tentado insinuar, mostrando outros exemplos históricos mas minimizando-lhes os aspetos mais negativos, que o desenvolvimento e a afirmação da China como potência mundial não constituirá qualquer ameaça a qualquer outra nação e ao mundo na sua globalidade.

Enfim, o documentário *Ascensão de Grandes Nações*, tem despertado fortes reações e atenção, fenómeno inseparável do valor intrínseco. Embora as opiniões se dividam, com não poucos pontos de vista mistos, o que penso que se deve concluir afirmar é que, numa perspetiva intercultural, a qualidade e a bondade do programa supera as críticas de que tem sido alvo. A combinação e seleção de factos históricos objetivos faz com que espectadores com *backgrounds* culturais diferentes possam alcançar com alguma facilidade uma certa mensagem política implícita. Ou talvez não! É minha opinião e convicção, como já referi, que este documentário televisivo enviou uma mensagem crítica de promoção do discurso oficial, que acredito possa ser honesto e sincero, do desenvolvimento chinês que se anuncia determinadamente pacífico.

Para os Chineses, o documentário forneceu uma compreensão mais profunda do processo de ascensão de nove países nos últimos 500 anos, incluindo Portugal. Neste particular, desenvolveu todo o processo de expansão global, desde os Descobrimentos até ao declínio económico devido às consequências demográficas e de investimento industrial. Trata-se também de um trabalho de fácil compreensão e acesso. Para os portugueses pode ser também uma boa oportunidade para melhor entender a (ou uma) perspetiva chinesa sobre a história de Portugal.

III.4 Futebol de Portugal

Portugal é um país relativamente pequeno. Se comparado com a China, é mesmo um país muito pequeno. Tanto em termos de território como em termos de população, a China deverá ser mais ou menos cem vezes maior do que Portugal. Ou seja, na China

podiam caber cem “portugais”! Lembremo-nos, por exemplo, que se pensarmos nas quatro municipalidades existentes na China, Pequim, Tianjin, Xangai e Chongqing, todas elas têm uma população largamente superior a Portugal inteiro. Porém, Portugal é um país moderno, integrado na União Europeia (dentro da qual nem sequer é um país tão pequeno assim), e com uma projeção internacional superior aquela que seria de esperar se se considerasse apenas as suas dimensões.

Depois da Revolução dos Cravos, depois do 25 de Abril de 1974, Portugal regressou às suas fronteiras originais depois de quase cinco séculos de expansão e declínio, longo período histórico em que ergueu e perdeu três impérios. Primeiro o Império Marítimo do Oriente, em que durante quase um século controlou, quase em exclusividade, toda a circulação do Oceano Índico (império que acabou por perder sobretudo para os ingleses e holandeses); seguidamente, sobretudo após a Restauração, a colonização e exploração do Brasil, que acabou por declarar a independência no início do século XIX, em grande parte como consequência das invasões francesas; e por último as colónias africanas, sendo as maiores Angola e Moçambique, que se tornaram também independentes após o já referido 25 de Abril e no seguimento de uma desgastante e inconsequente guerra de treze longos anos.

Talvez por tudo isto, por causa da sua história tão interessante, cheia de glórias, e de misérias também, Portugal, embora pequeno, não é um país sem importância a nível internacional. Portugal é um país conhecido. Penso que qualquer pessoa com um mínimo de cultura e informação, em qualquer parte do mundo, tem alguma ideia sobre Portugal, onde fica, que língua fala (lembremo-nos que o português é a sexta ou sétima língua mais falada no mundo), tem alguma ideia também sobre a sua espantosa história.

A China não é nem de longe nem de perto, exceção. Na China Portugal é bastante conhecido a nível popular e, acredito, os chineses têm geralmente uma boa impressão sobre este pequeno e distante país. Isto talvez, em parte, por causa de Macau, ou, quem sabe, apesar de Macau, é um pouco difícil compreender os sentimentos dos chineses no

que se refere a Macau. É, todavia e com toda a certeza muito diferente do sentimento que têm em relação a Hong-Kong e a todo o seu processo histórico. É minha opinião que os chineses têm simpatia, carinho pelos portugueses. Mesmo a nível governamental, a China, grande potência emergente, tem feito visitas oficiais ao mais alto nível a Portugal com bastante frequência, mais do que, por exemplo, o tem feito os Estados Unidos, ou mesmo o Brasil.

Outro aspeto interessante que deve ser realçado é o fenómeno do rapidíssimo crescimento na China do estudo do português a nível universitário. Eu própria fui beneficiária disso, tendo pertencido ao primeiro grupo de alunos a estudar português na Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (西安外国语大 *Xī'ān wàiguóyǔ dàxué*). Claro que esta forte procura do português acontece mais a pensar no Brasil, em Angola, talvez sobretudo Angola, e também Moçambique. O próprio Governo de Pequim tem apostado em Macau como placa giratória da lusofonia e das relações da China com os países lusófonos, o que me parece uma estratégia um pouco surpreendente e muito curiosa.

Eu diria, talvez um pouco ingenuamente, que é fácil gostar de Portugal. O que claramente se nota nos *media* chineses é uma tendência forte para a compreensão e o elogio. Portugal é um país com excelentes relações com a China, a “entrega” de Macau decorreu muitíssimo bem, com muita dignidade de parte a parte. Os *media* falam também num país muito bonito, pacífico, talvez um pouco triste (mas essa tristeza também pode ser atraente), com um clima doce, suave, com um mar maravilhoso, praias lindas, quase sem poluição (como os chineses não devem invejar isso!), com monumentos bem conservados, etc.

Mas, o que não deixa de ser engraçado, onde Portugal é mais famoso nos *media*, onde Portugal será mais popular a um nível geral dos chineses, é no futebol. Figo, Ronaldo, José Mourinho, são de facto nomes e figuras que correm, de boca em boca, de jornal em jornal, de revista em revista. Não faltam exemplos para ilustrar este fenómeno

verdadeiramente mediático. Não será apenas na China, mas na China é realmente divertido.

Em outubro de 2012, a notícia ilustrada em baixo relata que o futebol chinês tem muito que aprender com... o futebol português. Isto demonstra o quanto o futebol português não é apenas popular entre fãs, na China, mas é também elogiado e recomendado pela “inteligência” desportiva chinesa.



Figura 14 Notícia: Futebol chinês precisa de aprender o português ⁷⁹

Mais um exemplo. Em dezembro do mesmo ano, aquando da notícia de que Pepe tinha ganho o prémio “Artur Augusto Coutinho”, facto noticiado no “Record” (jornal desportivo português), rapidamente se espalhou o acontecimento nos *media* chineses, como exemplifico recorrendo à internet.

⁷⁹ Yangcheng Evening News, 25 de dezembro de 2012.

佩佩获葡萄牙足球年度大奖 比肩菲戈C罗穆帅(图)

2012-12-26 18:03:51 来源: 网易体育 有0人参与

佩佩获得由葡萄牙《纪录报》评选的2012年葡萄牙阿图尔-奥古斯蒂尼奥奖，在佩佩之前，C罗、穆里尼奥、菲戈、鲁伊-科斯塔都曾获此荣誉。

网易体育12月26日报道：

北京时间12月26日，皇马中卫佩佩领取一项个人大奖——由葡萄牙国内专业的报纸《纪录报》评选的2012年阿图尔-奥古斯蒂尼奥奖，即葡萄牙足球的“年度人物奖”。继保莱塔、斯科拉里、菲戈、C罗、穆里尼奥等明星人物之后，佩佩成为该奖项第8名得奖者。



佩佩获得由葡萄牙《纪录报》评选的2012年葡萄牙阿图尔-奥古斯蒂尼奥奖，在佩佩之前，C罗、穆里尼奥、菲戈、鲁伊-科斯塔都曾获此荣誉。

Figura 15 Notícia sobre Pepe a receber o Prémio Artur Agostinho⁸⁰

Diga-se ainda que, de facto, a atenção dos *media* chineses sobre o futebol português debruça-se muito mais do que apenas sobre a Seleção Nacional e as suas estrelas internacionais, mas também são noticiados semanalmente resultados e filmagens sobre competições entre clubes portugueses ao nível do Campeonato Nacional. Por exemplo, em outubro, o *site* do *Chinanews*, relatou o jogo recente *derby* entre Benfica e Porto.

⁸⁰ <http://sports.163.com/12/1226/18/8JLV2EJ700051C8V.html#p=8JLULLVV00DE0005>, consultado a 10 de janeiro de 2013.

葡萄牙足球德比战：波尔图依旧独大完胜里斯本

2012年10月09日 15:27 来源：晨报 参与互动(0)



过去很多年，波尔图一直是葡萄牙足球的老大，但是在他们接连卖掉了法尔考和胡尔克之后，里斯本竞技开始有了想法。但是在昨晨的葡萄牙德比大战中，波尔图捍卫了自己的地位，一场2：0的脆胜证明了他们依然是葡萄牙足坛的老大。



周中刚刚战胜巴黎圣日耳曼的波尔图状态正佳，开场仅10分钟，马丁内斯反越位成功，不停球背对门将帕特里西奥直接脚后跟破门得分。第56分钟，波尔图获得点球机会，但是波尔图队长卢乔·冈萨雷斯击中门柱，浪费扩大比分良机。比赛第84分钟，荷兰后卫博拉鲁兹禁区内拉倒了马丁内斯，波尔图再度赢得点球，罗德里格斯主罚命中，波尔图将2：0的比分保持到终场。波尔图获得胜利后，以净胜球优势力压本菲卡排名联赛第一，而里斯本竞技则跌至第11名。洪义勇

胜球优势力压本菲卡排名联赛第一，而里斯本竞技则跌至第11名。洪义勇

Figura 16 Not ícia sobre um jogo de futebol entre o Porto e o Benfica ⁸¹

III.5 Negativo ou menos positivo

Também, nos tempos mais recentes, a grande crise económica e financeira que se abateu sobre a Europa, e muito particularmente sobre Portugal, tem sido assunto recorrente dos *media* chineses, o que não será de surpreender.

O Presidente Hu Jintao já disse publicamente, em visita oficial a Lisboa, que a China tudo faria para ajudar Portugal a resolver a sua gravíssima crise financeira. Em novembro de 2010, na rede de BBC Chinês relatou-se que o presidente chinês Hu Jintao fez a visita a Portugal, assinou uma série de contratos de cooperação, e expressou que a China tinha uma vontade de tomar medidas concretas para ajudar Portugal a lidar com a crise global. Embora pareça que a notícia embelezou um pouco a imagem da China, narra normalmente factos reais.

⁸¹ <http://www.chinanews.com/ty/2012/10-09/4234175.shtml>, consultado a 10 de janeiro de 2013.

胡锦涛承诺帮助葡萄牙摆脱经济危机

中国国家主席胡锦涛在葡萄牙分别会晤了葡萄牙总统席尔瓦和议长伽马后, 周日(11月7日)与葡萄牙总理苏格拉底举行会谈, 随后签署一系列合作文件, 涉及金融服务、物流、再生能源及旅游业等。

尽管胡锦涛在会谈后的联合记者会上表示, 愿意采取切实的措施帮助葡萄牙应对全球金融, 但是并没有如外界广泛希望的那样承诺中国将购买葡萄牙国债。



胡锦涛希望葡萄牙帮助中国与葡语国家的经贸

Figura 17 Not ícia sobre a visita a Portugal do Presidente Hu Jintao ⁸²

A compra de dívida (em pouca escala) e os enormes investimentos financeiros (EDP, GALP, REN, talvez Sines) chineses em Portugal poder ão ser bons exemplos de que tais afirmações s ão mais do que simples palavras de circunst ância pol ítica, do que lindos discursos. Claro, ser ão tamb ém bons negócios. Os chineses n ão gostam nada de fazer maus negócios, e fazem muito bem. Mas talvez sejam bons negócios para ambos os lados. Por exemplo, em dezembro de 2011, no *site* do Minist ério do Comércio da China, relatara-se que a *Three Gorges* adquiriu 21,35% das da EDP (Energias de Portugal), tornando-se assim o seu maior acionista.

中国三峡集团成功收购葡萄牙电力公司21.35%股份

2011年12月23日 18:37
 来源: 中国商务部网站

0人参与 0条评论 打印 转发 字号: T | T

12月22日, 葡政府召开部长委员会就葡电力私有化项目竞标结果进行讨论并决定三峡集团在葡萄牙电力私有化项目竞标中胜出。目前, 葡政府已正式通知三峡集团, 该集团负责人已与葡国有资产管理局商谈有关项目合同签署事宜。

三峡集团将以26.9亿欧元的价格购买葡电力21.35%股权, 成为葡电力第一大股东, 这也是我国企业在葡国际大型上市公司第一大股东竞标中取得成功的第一例。除价格因素外, 三峡在融资和战略规划等方面也具有一定优势, 其中包括承诺向葡电力公司提供金融支持, 并建立面向欧洲市场的风力涡轮机厂, 每年出口产值约5亿欧元。

Figura 18 Not ícia Sobre a aquisição da posição da EDP pela China ⁸³

⁸² http://www.bbc.co.uk/zhongwen/simp/china/2010/11/101107_hu_portugal_talk.shtml, consultado a 11 de dezembro de 2012.

Além das notícias sobre os negócios relativos a ambos os países, os media chineses dão também atenção à situação interna portuguesa. Em janeiro de 2013, no *site* do jornal "天天新报 *tiāntiān xīn bào*", por exemplo, dá-se notícia sobre a medida que reduziu os feriados nacionais como medida de austeridade económica.



Figura 19 Notícia sobre algumas medidas de Portugal para lidar com a crise económica ⁸⁴

Penso todavia que o modo como os *media* e a opinião pública em geral abordam toda esta situação muito complicada tem sido de grande compreensão. Não se pode ler ou ouvir grandes reparos à política económica dos vários governos portugueses que poderão ser mais ou menos responsáveis pelo desenvolver da crise. Creio que se pensa mais que Portugal foi envolvido por um processo de grande turbulência do capitalismo, sobretudo financeiro, internacional. Acredito que o mundo da comunicação social, assim como a opinião generalizada da população melhor informada na China, vêem Portugal mais como vítima de um acontecimento mundial do que propriamente culpado. Repare-se que, em geral, a comunicação social na China alinha, pelo menos nas suas linhas mais sensíveis, pelo pensamento oficial do Partido e do Governo, sendo que as

⁸³ <http://finance.ifeng.com/roll/20111223/5322458.shtml>, consultado a 10 de janeiro de 2013.

⁸⁴ <http://www.xwwb.com/web/wb2008/wb2008news.php?db=8&thisid=110990>, consultado a 10 de janeiro de 2013.

declarações dos responsáveis políticos chineses têm sido no sentido de ajudar a resolver a crise e não de apontar um dedo acusador seja a quem for. E, se a China tiver vontade política para acusar alguém (penso que não faz), fá-lo-á aos Estados Unidos ou à banca internacional irresponsável.

Os *media* chineses, bem como a opinião pública em geral e o discurso oficial, tendem a dar um tratamento bastante benigno à Europa, nisto não excluindo, antes pelo contrário, Portugal. As potências europeias castigaram muito e muito injustamente a China no século XIX e primeira metade do século XX. Guerras do Ópio, extraterritorialidades, agressão militar, tratados conseguidos na ponta das baionetas, etc. Talvez aqui, felizmente para ambos os povos, Portugal seja posto um pouquinho de lado. Todos sabem que Portugal teve pouca voz ativa em todos estes tristes acontecimentos históricos, apesar de Macau (ou talvez por causa de Macau). É também verdade que muitas vezes se volta a falar nestes assuntos, porventura com uma repetitiva tendência para a vitimização, mas trata-se de um assunto que vende bem e que é muito útil para a propaganda política interna. Mas fala-se disso como se a Europa de então fosse “outra Europa”, o que em muito será verdade. A Europa de hoje tem relativamente pouco peso político a nível internacional, menos que a China, e quase nenhum peso militar. A Europa, aos olhos dos chineses, é um continente, um grupo mais ou menos unidos de países relativamente pequenos (a maioria dos países europeus, como Portugal, são bem mais pequenos, em área e em população, do que a maioria das províncias chinesas), que procura e promove seriamente a paz. A China gosta, e diz, pelo menos diz, que também o faz. Penso que sim. A China não teria nada a ganhar com instabilidade política e militar a nível mundial, ou mesmo regional.

Conclusão

Portugal e a China, com uma história de contatos de quase 500 anos, todos eles quase sempre pacíficos, têm, naturalmente, as suas próprias raízes culturais e os seus próprios processos históricos e sociais. Disto resultam distintas formas de pensar, diferentes valores culturais e visões de mundo, etc. Tudo isto pode estar, e está refletido nos *media*.

Nesta dissertação, ensaiei um primeiro capítulo em que tentei alinhar alguns dados e conceitos fundamentais para o desenvolvimento daquilo que queria tratar, designadamente através da consulta de dicionários e internet. Tentei também uma brevíssima passagem pela história e desenvolvimento das relações entre Portugal e a China, desde o longínquo século XVI, quando os portugueses chegaram à China, até aos nossos dias, sobretudo olhando e tentando compreender os períodos mais significativos, como as Guerras do Ópio, o estabelecimento da República Popular da China, a Revolução dos Cravos, o restabelecimento de relações diplomáticas, etc. Quinhentos anos de história é muito tempo. Neste longo período de tempo as relações entre Portugal e a China não foram sempre as mesmas, como facilmente se compreenderá pelo que, apoiando-me numa reflexão feita pelo Professor Huang Qinghua, dividi estes cinco séculos em quatro fases distintas.

Após estas breves reflexões introdutórias, conceituais e históricas, passei situação atual, sobretudo dando uma particular atenção aos *media*, sobre o que tentei fazer alguma, necessariamente modesta, análise.

A situação dos *media* em Portugal e na China é muito diferente. Os *media* chineses têm uma orientação política estatal por parte do Partido Comunista, que os controla com maior ou menor rigor, muito dependendo do tipo de assuntos abordados e da fase política em que o país se encontra. Em Portugal, a comunicação social tem mais liberdade, embora, como se sabe, haja sempre condicionalismos e pressões, designadamente de ordem económica e política. Na China acontece haver notícias e opiniões, sobretudo se mais críticas em relação ao poder institucional, que não conseguem

passar pelo filtro da censura. Muitos chineses não têm ideia de como os outros os vêem e aceitam o que lhes é fornecido pelos *media*. Por outras razões, designadamente devido a barreiras linguísticas e a muita superficialidade ou falta de preparação, os portugueses também não têm uma ideia muito correta da sua imagem aos olhos dos chineses.

Experienciei, com gosto, uma vivência de aproximadamente dois anos em Portugal, enquanto estudante chinesa. Como pessoa relativamente conhecedora dos *media* chineses, testemunhei e tentei compreender melhor vários aspetos dos *media* portugueses, o que muito me ajudou a elaborar as linhas principais desta dissertação, onde tentei uma comparação da imagem do “outro” através da comunicação social.

Acerca da imagem dos dois países, pareceu-me ter sido de refletir sobre alguns aspetos menos óbvios nos documentários televisivos “*Portugueses pelo Mundo: Pequim e Macau*” e “*Ascensão de Grandes Nações: Portugal e Espanha*”. As produções destes dois documentários são ambas provenientes de órgãos estatais, a RTP e a CCTV, respetivamente.

O documentário a respeito da China mostra cidades por todo o mundo onde portugueses decidiram assentar arraiais. Através disto, podemos ver diretamente a vida real dos portugueses em Pequim e Macau.

As pessoas entrevistadas contam variadas opiniões sobre a China. Os locais de maior interesse histórico são o que mais curiosidade lhes desperta e que mais refletem raízes culturais diferentes. Por exemplo, a Grande Muralha, um dos símbolos chineses mais bem conhecido em todo mundo. Mas, de facto, o profundo significado da Grande Muralha é muito mais complexo do que se possa pensar. Se é um símbolo nacional de garantia de segurança para o país e para o povo, no imaginário chinês, por outro lado, é também um monumento ao sangue e ao suor de milhares e milhares de vidas tiranizadas. Mas, normalmente, para os visitantes é apenas um local turístico e histórico.

Na China há muitos templos taoistas e budistas, também muito procurados por e do interesse de turistas. Mas o que o budismo, o taoismo e o confucionismo? Darão os *media* portugueses nota disto?

Para além do fenómeno puramente turístico, os portugueses também têm a oportunidade de verificar, na China, uma certa coexistência de realidades bem diferentes no seu quotidiano. Ao lado de uma China moderna e ocidentalizada, ou, talvez melhor dizendo, globalizada, com uma economia em crescimento rápido e tecnologia avançada, existe também uma China muito mais tradicional. A Medicina Tradicional Chinesa, a “arte do conforto”, por exemplo as massagens, a arte especificamente chinesa, como Ópera de Pequim e os instrumentos musicais tradicionais, são bons exemplares duma profunda tradição que não se deve perder.

Outros assuntos também foram abordados, como o grave problema da poluição e da liberdade de expressão.

Apesar da sua superficialidade, o programa televisivo em questão aproxima-se bastante da vida real dos portugueses na China (não pretende mais do que isso). Não tem propriamente conotação política, embora também não fuja a abordar assuntos de alguma forma delicados. A ideia será a de dar a conhecer a vida quotidiana de portugueses em diferentes partes do mundo e, a propósito, apresentar a cultura e os costumes locais, aqui, sim, claramente superficial. Talvez não pudesse deixar de o ser. Assim, sob este ângulo de visão, a série pareceu-me boa.

Naturalmente, existem imperfeições ou erros de detalhe. Há factos positivos e factos negativos, mas factos são factos. Os *media* portugueses também muitas vezes são muito críacos em relação ao seu próprio país. Não me pareceu haver tratamento tendencioso, embora seja visível algum desconhecimento sobre a mais profunda realidade chinesa, as chamadas “ideias feitas” e a procura um pouco obstinada pelo “exótico”. Acredito que com mais estudo e mais comunicação a compreensão recíproca melhore. Em geral,

em meu entender, os *media* portugueses têm características relativamente moderadas, exatamente como o povo português.

No que diz respeito à imagem de Portugal nos *media* chineses, o documentário “Ascensão de Grandes Nações” narra o processo de ascensão e declínio de Portugal como uma grande nação marítima e colonial. Outros aspetos, como o excelente nível do futebol português, ou, pela negativa, a crise económica e financeira, para dar apenas dois exemplos, também contribuem significativamente para a imagem de Portugal nos *media* chineses. Tomei a liberdade de reproduzir algumas notícias ou excertos exemplificativos retirados de *sites* de jornais chineses.

A história portuguesa dos Descobrimentos, sem dúvida, era espantosa, tendo tido um forte impacto em todo mundo, incluindo a China. Até hoje, quando se refere Portugal, muitas pessoas pensam na sua história marítima. O documentário “Ascensão de Grande Nações” conta essa história, apresentando os seus conteúdos organizados por ordem cronológica. Neste trabalho fiz um resumo dos conteúdos conforme a sua apresentação, invocando as primeiras aventuras de navegação sob a direção do Infante D. Henrique, a chegada ao Cabo da Boa Esperança, o caminho marítimo para a Índia de Vasco da Gama, a competição com Espanha, e o declínio que se seguiu depois. Pareceu-me que o método de apresentação de conteúdos nos *media* chineses é comparado com os portugueses, mais clássico e ordenado, talvez menos espetacular.

Em muitas circunstâncias conhecer exemplos alheios é da maior importância para melhor se conhecer a si próprio. Talvez o mesmo se possa verificar nesta série da CCTV. Apesar de apresentar factos objetivos sobre Portugal e a sua fantástica História dos Descobrimentos, haverá talvez também implícita uma mensagem política a expressar o desejo de desenvolvimento pacífico da China.

A cultura e a mentalidade chinesas dão muita importância à “imagem”. Está certo, a imagem é certamente importante. Mas a “imagem” fornecida pelos *media*, seja do próprio país, seja dum outro país ou sociedade, tem sempre que ser estudada com cuidado, com distanciamento e espírito crítico. A comunicação intercultural pode ser sempre melhorada e implica muito estudo.

É meu desejo que este singelo trabalho possa ajudar a pensar a já referida comunicação intercultural e o sentido de “imagem” que possamos ter de nós e dos outros.

Bibliografia

1. AL-RODHAN, Khalid R. (2007), *A Critique of the China Threat Theory: a Systematic analysis*, em *Asian Perspective*, Vol. 31, No. 3.
2. ANTUNES, Manuel João Rodrigues (2003), *O "Outro" na Miscelânea de Garcia de Resende*, Centro de Estudos Multiculturais Universidade Independente, Lisboa.
3. BIRMINGHAM, David (2003), *A Concise History of Portugal*, Cambridge University Press, Nova Iorque.
4. BOULDING, Kenneth Ewart (1959), *National Images and International Systems*, em *the Journal of Conflict Resolution*, Vol. 3, No. 2.
5. CAMARA, Pedro B. da (2008), *Gestão de Pessoas em Contexto Internacional*, Publicação Dom Quixote, Lisboa.
6. CAMÕES, Luís de (2004), *Os Lusíadas*, Universidade do Minho, Braga.
7. *Comunicação Ética e Mercado* (1999), Universidade Católica Editora, Lisboa.
8. CURVELO, Alexandra, e ALVES, Jorge Manuel dos Santos (2001), *Portugal e a China: Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa: Convento da Arrábida, Fevereiro-Dezembro 2000*, Fundação Oriente, Lisboa.

9. *DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA* (2001), Academia das Ciências de Lisboa e Editorial, Lisboa.
10. Grupo de Programação da CCTV (2006), *Ascensão de Grandes Nações: Portugal e Espanha* (大国崛起 - 葡萄牙西班牙), China Democracy and Legal System Publishing House, Pequim.
11. HATTON, Barry (2011), *Os Portugueses*, Clube do Autor, Lisboa.
12. HUANG, Qinghua 黄庆华 (2006), *A História da Relação Luso-chinesa* (中葡关系史 *zhōng pú guānxì shǐ*), Huangshan Book, Hefei.
13. HUANG, Qinghua 黄庆华 (2006), *500 Anos de Diplomacia Sino-Portuguesa* (中葡政治外交 500 年, *zhōng pú zhèngzhì wàijiāo 500 nián*), em Chinese Book Review Monthly, Vol. 1.
14. Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau (2003), *A Vista Chinesa nos Séculos XVI e XVII na Literatura Ibérica* (十六和十七世纪伊比利亚文学视野里的中国景观 *shíliù hé shíqī shìjì yībǐ lì yǎ wénxué shìyě lǐ de zhōngguó jǐngguān*), Daxiang Chubanshe, Zhengzhou.
15. KRAUTHAMMER, Charles (1995), *Why We Must Contain China*, em Time Magazine, Vol. 146.
16. LI, Ming 李明 (2008), *Confucionismo: Fundação Cultural da Religião Chinesa*», (儒家思想: 中国宗教的文化基础 *Rújiā sīxiǎng: Zhōngguó zōngjiào de wénhuà jīchǔ*), em China Religion, Vol. 3.
17. LI, Yinghua 李英华 (2006), *Confucionismo, Taoismo, Budismo e a Educação Convencional da China* (儒道佛与中国传统文化教育 *rú dào fú yǔ zhōngguó*

chuántǒng wénhuà jiàoyù), Wuhan University Press, Wuhan.

18. LUO, Wen 罗雯, e HE, Jun 何军 (2006), *O Desenvolvimento e a Tradição de Estudos de Media no Contexto Intercultural* (跨文化传播学的发展及研究传统 *kuà wénhuà chuánbō xué de fāzhǎn jí yánjiū chuántǒng*), Hubei Social Science, Vol. IV.
19. MENEZES, Solival (2000), *Mamma Angola -Sociedade e Economia de um País Nascente*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
20. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Sistema J* (1996), Lello e Irmão Editores, Amadora.
21. OLIVEIRA, Fernando Correia de (1998), *500 Anos de Contactos Luso-Chineses*, Público e Fundação Oriente, Lisboa.
22. QIU, Ling 邱凌 (2011), *Estratégia de Difusão Intercultural do Vídeo Promocional do País* (国家形象宣传片的跨文化传播策略 *Guójiā xíngxiàng xuānchuán piān de kuà wénhuà chuánbō cǎi lüè*), em *Modern Media*, Vol. XII.
23. RABAÇA, Clara Elete Gomes (2002), *O Regime Jurídico-Administrativo da Concentração dos Meios de Comunicação Social em Portugal*, Livraria Almedina, Coimbra.
24. RAMPINI, Federico (2006), *O Século Chinês*, Editorial Presença, Lisboa.
25. RODRIGUES, Adriano Duarte (2010), *A Comunicação Social: Noção, História, Linguagem*, Veja, Califórnia.
26. SERRANO, Estrela (2011), *Grupos de Comunicação Social em Portugal*, em

27. SHI, Yuanmeng 石元蒙 (2003), *Os Primeiros Choques entre Civilizações – Entrada dos Portugueses em Macau e a Política da Corte dos Ming* (中西文明的最初碰撞——葡萄牙人入居澳门与明政府对策 *zhōngxī wénmíng de zuìchū pèngzhuàng——pútáoyá rén rùjū àomén yǔ míng zhèngfǔ duìcè*) em *Gansu Social Sciences*, Vol. 1.
28. TORRÃO, João Manuel Nunes (1991), *A China na Obra de D. Jerónimo Osório*, Instituto de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, Coimbra.
29. VASCONCELOS, Bernardo, MONTEIRO, Sousa Nuno Gonçalo, e RAMOS, Rui (2010), *História de Portugal*, A Esfera dos Livros, Lisboa.
30. WANG, Q. Edward (2010), *Ascensão de Grandes Nações = Ascensão da China? Desafios do Avanço da História Global* (Rise of the Great Powers = Rise of China? Challenges of the advancement of global history), em *Journal of Contemporary China*, Vol. III.
31. XIE, Suke 谢素科, e HUANG, Hu 黄虎 (2011), *Fixação Estratégica dos Portugueses no Oriente na História Contemporânea e as Razões Religiosas* (近代早期葡萄牙东方战略要地选择的宗教因素 *jìndài zǎoqí pútáoyá dōngfāng zhànlüè yào dì xuǎnzé de zōngjiào yīnsù*), em *Culture and History Vision* (Theory), Vol. 4.
32. XUE, Huifeng 薛惠锋, LU, Yali 卢亚丽, e WANG, Jia 王佳 (2008), *Desenvolvimento, problemas ambientais e estratégia* (中国经济发展进程中的资源环境问题根源与对策 *zhōngguó jīngjì fāzhǎn jìnchéng zhōng de zīyuán huánjìng wèntí gēnyuán yǔ duìcè*), em *Energy Environmental Protection*, Vol. 5.

33. YE, Fang 叶芳 (2012), *A Difusão da Imagem numa sociedade na Era dos "Relações Públicas Nacionais"* (“国家公关”时代的国家形象传播“guójiā gōngguān” shídài de guójiā xíngxiàng chuánbō), em *News Reserch*, Vol. II.
34. ZHANG, Rongming 张荣明 (1994), *Confucionismo, Taoismo, Budismo e a Cultura Tradicional da China* (道佛儒思想与中国传统文化 *dào fú rú sīxiǎng yǔ zhōngguó chuántǒng wénhuà*), Shanghai People's Publishing House, Shanghai.
35. ZHENG, Xiaoyun 郑晓云 (2010), *Mudanças e Ajustas da Identidade Cultural de Macau depois de 1999* (澳门回归后的文化认同变化与整合 *àomén huíguī hòu de wénhuà rèntóng biànhuà yǔ zhěnghé*), em *Journal of South-Central University for Nationalities (Humanities and Social Sciences)*, Vol. 30, No. 2.

Weblinks

1. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B3nimo_Os%C3%B3rio
2. <http://www2.crb.ucp.pt/historia/barros%20china.pdf>
3. http://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_comunica%C3%A7%C3%A3o_social
4. http://pt.wikipedia.org/wiki/Soft_power
5. <http://wenku.baidu.com/view/26fcc9d13186bceb19e8bb45.html>
6. http://pt.wikipedia.org/wiki/Censura_em_Portugal
7. <http://www.rtp.pt/blogs/programas/portuguesespelomundo/?k=Portugueses-pelo-Mundo---Macau.rtp&post=24588>
8. <http://www.rtp.pt/blogs/programas/portuguesespelomundo/?k=Programa---Pequim.rtp&post=19429>
9. http://www.newworldencyclopedia.org/entry/List_of_countries_and_outlying_territories_by_total_area
10. <http://whc.unesco.org/en/list/438/>
11. http://www.chinaculture.org/gb/cn_zgwh/2004-06/28/content_52404.htm

12. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Drag%C3%A3o>
13. <http://blue821230.bokee.com/viewdiary.14002267.html>
14. <http://blog.roodo.com/smm123654/archives/12300421.html>
15. http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/historia/historia_geral_idade_antiga/os_chineses/civil_chinesa3
16. <http://zh.wikipedia.org/wiki/%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E4%BD%9B%E6%95%99>
17. <http://www.zhzyw.org/zyts/zytn/wh/0912119H3DA4GA48521JE462.html>
18. http://www.gov.cn/gongbao/content/2004/content_62714.htm
19. <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh-direitos-civis.html>
20. http://www.baidu.com/s?tn=baiduhome_pg&ie=utf-8&bs=liuxiaobo&f=8&rsv_bp=1&rsv_spt=1&wd=%E5%88%98%E6%99%93%E6%B3%A2&rsv_sug3=4&rsv_sug=1&rsv_sug4=883&rsv_sug1=1&inputT=2618
21. <http://finance.cctv.com/special/C16860/01/index.shtml>
22. [http://www.infopedia.pt/\\$claudio-ptolomeu](http://www.infopedia.pt/$claudio-ptolomeu)
23. [http://www.infopedia.pt/\\$guerra-dos-cem-anos](http://www.infopedia.pt/$guerra-dos-cem-anos)
24. http://pt.wikipedia.org/wiki/Zheng_He

25. <http://www.publico.pt/Cultura/brasil-historiador-nega-existencia-da-escola-de-sagres-1364441>
26. <http://www.historiazine.com/2011/11/escola-de-sagres-lenda-ou-realidade.html>
27. <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/escola-sagres-realmente-existiu-435886.shtml>

Anexos

Anexo I

Texto original em chinês de

“Ascensão de Grandes Nações:

A Era da Navegação”

第一集：海洋时代——开篇 葡萄牙 西班牙

葡萄牙和西班牙在相互竞争中瓜分世界，依靠新航线和殖民掠夺建立起势力遍布全球的殖民帝国，并在 16 世纪上半叶成为第一代世界大国。

【导语】

公元 1500 年前后的地理大发现，拉开了不同国家相互对话和相互竞争的历史大幕，由此，大国崛起的道路有了全球坐标。

五百年来，在人类现代化进程的大舞台上，相继出现了九个世界性大国，它们是葡萄牙、西班牙、荷兰、英国、法国、德国、日本、俄罗斯和美国。

大国兴衰更替的故事，留下了各具特色的发展道路和经验教训，启迪着今天，也影响着未来……

【序】

绝大多数历史学家认为：公元 1500 年前后是人类历史的一个重要分水岭，从那个时候开始，人类的历史才称得上是真正意义上的世界史。在此之前，人类生活在相互隔绝而又各自独立的几块陆地上，没有哪一块大陆上的人能确切地知道，地球究竟是方的还是圆的，而几乎每一块陆地上的人都认为自己生活在世界的中心。

公元 1500 年前后，中国正处在明朝统治之下。郑和的船队七下西洋，但不是为了开拓贸易，而是为了宣扬皇帝的德威。郑和死后，中国人的身影就在海洋上消失了。

阿拉伯和印度的商人与欧、亚、非大陆继续着商业往来，但他们的活动范围基本上局限在印度洋沿岸。

这是当时欧洲人笔下的世界，已知的三块大陆——欧洲、亚洲和非洲，分别

由三个信奉基督教的国王统治，其他地方都是混沌未开。

但就在公元 1400 年以后的两百年间，欧洲绘图人笔下的几大块陆地宛如正在成长的胚胎，逐渐由模糊的团状，演变成我们今天所熟悉的清晰可见的模样。

正是从那个时候起，割裂的世界开始连接在一起，经由地理大发现而引发的国家竞争，拉开了不同的文明间相互联系、相互注视，同时也相互对抗和争斗的历史大幕。

不可思议的是，开启人类这一历史大幕的，并不是当时欧洲的经济和文化中心，而是偏居在欧洲大陆西南角上两个面积不大的国家——葡萄牙和西班牙。五百年前，他们相继成为称雄全球的霸主，势力范围遍及欧洲、亚洲、非洲和美洲。

那么，究竟是什么力量推动小小的伊比利亚半岛征服海洋、进而主宰世界长达一个多世纪呢？

第一集海洋时代——葡萄牙 西班牙

征服是从被征服开始的。从公元前 11 世纪到公元 11 世纪的两千多年中，伊比利亚半岛上战火连绵不断，这块土地曾先后被罗马人、日耳曼人和摩尔人征服。正如一个个奋不顾身的斗牛士，生活在这块土地上的人们一刻也没有停止同入侵者的抗争，直到今天，我们依然可以清晰地感受到那种仿佛根植于基因中的追求刺激、喜欢冒险的豪情。

漫长的两千多年，眼泪、创痛和牺牲终于换来了宝贵的自由。

公元 1143 年，一个独立的君主制国家葡萄牙，在光复领土的战争中应运而生，并且得到了罗马教皇的承认，这是欧洲大陆上出现的第一个统一的民族国家。

葡萄牙历史学家 J H·萨拉依瓦：12 和 13 世纪葡萄牙的特点是，它不是一个封建割据的国家，而是人民的王国，葡萄牙的国王不仅受到贵族、也就是他的臣属的支持，而且得到百姓的拥戴。

强大的王权使葡萄牙人有了强烈的民族归属感，但实现国家的强盛却还有很

长一段路程。葡萄牙只有不到十万平方公里的发展空间，资源十分匮乏，东面近邻的绵绵战火，又不断侵扰着这块贫瘠的土地，独立之后的葡萄牙王国在经历了两个世纪之后，也依然是危机四伏、风雨飘摇。

这个率先建立的民族国家究竟能够持续多久？强大的君主制将会给它带来什么？葡萄牙民族的未来在哪里？一直靠近海捕捞谋生的人们，不得不把目光投向被称作“死亡绿海”的大西洋。

这个船型的纪念碑，是1960年葡萄牙政府为纪念“航海家恩里克”逝世五百周年而建的，碑的正面写着：“献给恩里克和发现海上之路的英雄”。正是海上之路使葡萄牙摆脱了贫穷和落后的境遇，正是在恩里克的带领下，葡萄牙启动了征服大海的行程。

恩里克出生在1394年，是葡萄牙国王若昂一世的第三个儿子。

当时的欧洲正从蒙昧的中世纪走出，发轫于意大利的文艺复兴如星星之火逐步燎原，科学和人文的思想一点、一点地照亮了欧洲的天空。

就在恩里克王子12岁的时候，1406年，一本尘封了一千两百多年的书籍的出版，引发了一场地理知识和观念的革命，这就是古希腊天文学家托勒密的著作——《地理学指南》。

原葡萄牙航海纪念委员会主席若尔金·麦哲伦：这本书和希腊其他学者的许多作品一样，在当时一度被世人遗忘。其间，在亚洲，这本书并没有被遗忘。而在西欧，一直到1406年才在意大利被关注，从15世纪末期开始被印刷出版，才得到较为广泛的流传。

尽管从今天看，托勒密绘制的世界地图谬误百出，比如，非洲和南极紧紧相连，除欧洲、亚洲、非洲以外，世界是一片漫无边际的海洋，赤道没有动植物生存等等，但在当时，它比起那些虚无缥缈的神话和道听途说的游记，仍然提供了许多较为可靠的地理信息。

世界真的是托勒密描绘的这个样子吗？大西洋真的无法航行吗？巨大的问号折磨着欧洲大陆，也燃烧着痴迷于地理学和航海战略的恩里克王子。

与此同时，一场突如其来的大变故又把葡萄牙推向了历史的前台，撬动历史的主角就是这些今天看起来毫不起眼的胡椒粒。

今天，连欧洲人自己也很难理解，他们的祖先为什么会对香料如此依赖！

西班牙皇家国际战略研究所 研究员 卡洛斯·马拉穆德：在当时，14、15世纪的时候，保存食物的方法主要是依赖香料，因为当时没有冰箱。所以欧洲人对于香料的需求十分急迫，香料在欧洲市场的价格也达到了前所未有的高度。

但是，利润丰厚的香料贸易，先是被阿拉伯商人垄断，接着，商路又被突然崛起的奥斯曼土耳其帝国阻断。欧洲急于摆脱困境，不论是神圣的宗教，还是世俗的商业，都希望能找到强有力的措施来扭转这种局面。在陆地上的军事突围失败之后，焦躁不安的欧洲人开始到海洋寻求出路。

欧洲人如何才能成功呢？

萨格里什，葡萄牙最南端的一个小渔村，直到今天，这里仍然荒凉无比。

根据葡萄牙编年史的记载，15世纪时，在恩里克王子的主持下，这里曾经建立过人类历史上第一所国立航海学校，曾经有过为航海而建的天文台和图书馆，这座建于15世纪的灯塔，经历了近六百年的风霜雪雨，依然骄傲地矗立着。

葡萄牙宗教学教授娜塔丽亚·科雷雅·格德斯：根据当时史料的记载，尤其是传记作家费尔南·洛佩斯的记载，堂·恩里克王子是一个非常慎重、果断的人，他非常清楚他需要什么，善于同其身边的出色幕僚相处。

我们无从知道看起来面容古板的恩里克王子是因为具有雄才大略而包容，还是因为包容而具有了雄才大略。意大利人、阿拉伯人、犹太人、摩尔人，不同种族、甚至不同信仰的专家、学者，聚集在他的麾下。他们改进了中国指南针，把只配备一幅四角风帆的传统欧洲海船，改造成配备两幅或三幅大三角帆的多桅快速帆船，正是这些20多米长、60到80吨重的三角帆船最终成就了葡萄牙探险者的雄心；他们还成立了一个由数学家组成的委员会，把数学、天文学的理论应用在航海上，使航海成为一门真正意义上的科学。

葡萄牙历史学家J·H·萨拉依瓦：航海发现是首先在葡萄牙作为国家计划的，是一个全国计划，是一个由一个王子主持的计划。这使得葡萄牙的航海大发现不像那些商人为贸易所进行的孤立探险，而是一个两百年来有规划、有系统组织的任务和策略。

通过二十多年理论和实践的探索，原来神秘莫测、令人望而生畏的大西洋逐

渐显露出一些规律。葡萄牙人终于向南出发了。

每个到葡萄牙游览的客人，罗卡角是必然的选择，这里是欧洲的“天涯海角”，是远航的水手们对陆地的最后记忆。

刚刚进入秋天，冰冷的海风已经吹打得游人无法立足！

千百年来，这块伸入海水的巨石就像一个孤独的老人，无奈地守望着波涛汹涌的大西洋，守望着欧洲的梦魇。直到 16 世纪，葡萄牙有史以来最伟大的诗人卡蒙斯在搏击大海的征程中创作了史诗《葡萄牙人之歌》，罗卡角才一扫往日荒凉、失落的阴霾，一跃而成为欧洲人开拓新世界的支点。

“陆地在这里结束，海洋从这里开始。”

一天天，一年年，有的人回来了，有的人消失了。

公元 1443 年，在恩里克王子的指挥下，从罗卡角出发的葡萄牙航海家穿越了西非海岸的博哈多尔角。在此之前，这里是已知世界的尽头。

为了这一天，恩里克王子和他的船队已经奋斗了 21 年。

与中国郑和的混合舰队相比，葡萄牙人的两三条帆船微不足道，但是，凭着爱冒险的天性、对财富的渴望以及强大的宗教热情，葡萄牙人终于冲破了中世纪欧洲航海界在心理和生理上的极限。

葡萄牙波尔图大学 副校长路易斯·亚当·达·丰塞卡：随着海外扩张的继续推进，人们到达了越来越多的海域，于是形成了对“大海洋”、即今天的大西洋的全新认识，过去人们认为，“大海洋”仅仅是一个沿海狭长的海域，现在他们发现，这个大海洋比他们想象的大得多，它同时向南、向西无限地延伸。

随着葡萄牙人沿着非洲西海岸，一路向南，源源不断的黄金、象牙以及非洲胡椒涌入里斯本，充满了葡萄牙的国库。

幸运的是，就在葡萄牙大张旗鼓地进行海洋探索并从中获利的近一个世纪里，欧洲的其他地区还在中世纪的封闭中明争暗斗：

英格兰和法兰西还没有形成统一的民族国家，贵族之间战争不断；

德意志土地上大大小小的几百个邦国在进行着远交近攻的游戏；

意大利的城邦正享受着传统贸易带来的最后一段美好时光；

而葡萄牙的邻国西班牙还在为光复国土而战。

到 1460 年，被葡萄牙绘在地图上的非洲西海岸已经达到了 4000 公里。就在

这一年，恩里克去世了，这个终生未婚、在萨格里什苦修了 45 年的圣徒又回到了父母的身边。

虽然恩里克一生从未亲自出海远航，却无愧于“航海家”的称谓，因为欧洲航海界所有载入史册的伟大发现，都是以他倾一生之力组织实施的航海计划作为起点的。

公元 1487 年 7 月，恩里克去世 27 年之后，葡萄牙航海事业的继承者若昂二世国王，派迪亚士率三艘帆船继续沿大西洋南下。

航行半年后，船队突然遭遇了一次罕见的风暴，在被风暴裹挟、被动地向东南方漂泊了 13 个昼夜之后，迪亚士命令船队掉头北上，这时，他意外地发现：船队已经绕过了非洲的最南端。为纪念这次九死一生的传奇经历，迪亚士给这个海角取名“风暴角”。

但若昂二世却郑重地将这个名字改为“好望角”。现在，只要再努一把力，葡萄牙人就能到达梦寐以求的东方。商路即将打通，意味着财富的香料贸易很快就要掌握在葡萄牙的手中了。

然而，就在这个时候，葡萄牙遭遇了一个强大的对手，那就是刚刚统一的邻国西班牙。那么，西班牙人将凭借什么和葡萄牙竞争呢？

格拉纳达在今天西班牙境内最具有伊斯兰风情的城市，伊斯兰建筑的经典之作阿尔汉布拉宫，经过了几个世纪的火灾兵难，仍然优雅端庄。

五百多年前，西班牙光复运动的最后一仗就在这里进行。1490 年春天，西班牙的伊莎贝尔女王率领十万大军包围了格拉纳达。

西班牙军事史学家胡利奥·佩尼亚兰达·阿尔瓦尔：西班牙王国的重建，很大程度上要归功于收复失地的战争，这场战争持续了整整八个世纪。到 15 世纪，格拉纳达王国还处于穆斯林信徒摩尔人的统治之下。

在格拉纳达对面的这座石头城堡里，伊莎贝尔女王亲自督战。这位女王平素一身洁白，每天要沐浴更衣四次，美貌曾惊艳欧洲王室。但此次她发下重誓：不夺取格拉纳达决不脱下自己的战袍。

1492 年 1 月 2 日，在西班牙军队的猛烈攻击下，摩尔人弃城投降。长达八个世纪的战争宣告结束。伊莎贝尔女王亲吻了格拉纳达的土地，与她的丈夫费尔

南德国王一起进入阿尔汉布拉宫。

而就在西班牙的统一刚刚完成的时候，历史给西班牙送来了一个千载难逢的机遇。

随着女王进入格拉纳达的队伍中，有一位等待女王召见的热那亚人，他就是后来名动天下的克里斯托夫·哥伦布。

从当时已经普遍传播的地圆学说中，哥伦布产生了一个想法，那就是：向西走也能到达东方。哥伦布相信，他的航海计划能很快将欧洲人带到东方，但是，在此前的六年中，哥伦布在葡萄牙却一直遭受冷遇。

西班牙古铁雷斯·梅利亚多学院 副院长费尔南德·阿梅利戈·古埃尔沃阿兰戈：若昂二世没有接受哥伦布的建议，是因为葡萄牙的航海策略主要是越过好望角，经过非洲再向东，寻求新的航路到达亚洲，从而和印度进行贸易。

航海知识丰富的葡萄牙专家们认为：向西航行到达东方的实际距离，将远远超过哥伦布的预测。但正是葡萄牙专家这个正确的判断，使葡萄牙王国丧失了一次历史的机遇。

1492年1月，刚刚完成统一大业的伊莎贝尔女王第三次召见了哥伦布。

葡萄牙依靠海权的迅速崛起，让整个欧洲嫉妒得红了眼，但财力、物力和人才的缺乏使所有的国王、贵族、商人们望而却步。雄心勃勃的伊莎贝尔女王用23年的时间缔造了统一的西班牙，现在，她开始成为西班牙远洋探险的总赞助人。

西班牙古铁雷斯·梅利亚多学院 教授索尼亚·阿尔达·梅西亚斯：只有统一的国家才有足够的实力和决心，来资助哥伦布这样一场伟大的航行，这也充分展示了当时欧洲封建强国的力量和决心。

哥伦布与西班牙王室的谈判进行了三个月。

出生在布商家庭的哥伦布，从小就耳濡目染讨价还价的商业行为，在葡萄牙的八年航海经历又给了他提高价码的理由，哥伦布理直气壮地为自己争取足够的权益。

而女王也并不认为与一个普通百姓坐下来讨论利益分配的问题有什么不妥。

西班牙国家远程教育大学 主讲教授卡洛斯·马丁内斯·萧：对于殖民地的占领，虽然是由探险者完成的，但是其基础在于同王室签订的合同和条约，这就好像

在合唱中当头的是领唱一样，得到的殖民地由探险者进行殖民，但是殖民地的主权还是属于王室的。

1492年4月17日，双方签订协议，国家的意志同航海家的愿望最终结合在了一起。

哥伦布被任命为发现地的统帅，可以获得发现地所得一切财富和商品的十分之一并一概免税；对于以后驶往这一属地的船只，哥伦布可以收取其利润的八分之一。

8月3日，带着女王授予的海军大元帅的任命状，哥伦布登上甲板，对女王资助给他的三艘帆船下达了出航的命令。

向西。再向西。帆船驶入了大西洋的腹地。

为了减少船员们因离开陆地太远而产生的恐惧，哥伦布偷偷调整计程工具，每天都少报一些航行里数。但即便如此，两个月后，一无所获的船队依然走到了崩溃的边缘。

10月10日，不安和激愤的船员们声称继续西行就将叛乱。激烈争论后，哥伦布提议：再走三天，三天后如果还看不见陆地，船队就返航。

西班牙国家远程教育大学主讲教授卡洛斯·马丁内斯·萧：他这么做无疑是十分明智的，因为仅仅在这次骚乱三天之后，曾经反对他的水手就在桅杆上高喊：“陆地！”这一天是1492年10月12日。

英雄就在这一刻诞生了！

哥伦布和他的船员看到的陆地，就是今天位于北美洲的巴哈马群岛，从那一天起，割裂的世界开始连接在一起。

虽然哥伦布至死都认为他到达了印度，但事实上，他到达的既不是中国，也不是印度，而是一块欧洲人从来都不知晓的新大陆。

因为哥伦布的误判，这块土地上的原住民拥有了一个同他们毫不相干的名字——印第安人，直到今天，我们还感觉他们仿佛是亚洲的远方亲戚。

就在哥伦布出发的这一年，人类最早的地球仪制作完成了，在这个地球仪上，属于美洲大陆的这个位置还是一片大海。

西班牙人成功的消息震动了整个欧洲。这一天——10月12日，后来被定为西班牙的国庆日。

欢迎仪式十分热烈，伊莎贝尔女王兑现了向哥伦布允诺的所有物质和精神奖励，哥伦布在六个印第安人的簇拥下，举着五彩斑斓的鹦鹉招摇过市。

但最早看到哥伦布凯旋的并不是西班牙女王伊莎贝尔，而是曾经拒绝了哥伦布的葡萄牙国王若昂二世，哥伦布返航时首先到达里斯本，若昂二世专门接见了了他。

半信半疑的若昂二世拿来一碗干豆子，让哥伦布带来的印第安人在桌子上摆出新世界的模样。这个地理游戏后来让他暗自捶胸顿足：“见识短浅的人啊，我为什么让这样重要的大事溜走了呢？”

一切已经无可挽回，未知世界才刚刚浮出海平面，竞争就已经摆在两个毗邻的航海大国面前，谁将拥有未来世界的发现权呢？

葡萄牙历史学家JH 萨拉依瓦：在那个时代，关于大海的理论认为，大海不是开放的，人们都认为大海属于它的发现者，毫无疑问，是葡萄牙人发现了它。

经过近一年时间的谈判，1494年6月7日，在罗马教皇的主持下，葡萄牙和西班牙在里斯本郊外的这个小镇签署条约：在地球上划一条线，然后像切西瓜一样把地球一分两半。葡萄牙拿走了东方，西班牙把美洲抱在了怀里。

从当时绘制的这幅油画上看，讨价还价的过程异常激烈，但事实上，精确的计算并没有太大的意义，因为无论是葡萄牙人还是西班牙人，与欧洲以外的大陆才刚刚有了一点点接触，还没有人准确地知道这个地球究竟有多大。

西班牙古铁雷斯·梅利亚多学院 院长伊西德罗·塞甫尔维达·穆尼奥兹：这个条约在西方文明中产生的意义在于确立了大国瓜分殖民地的先例，这一趋势在后来的柏林条约中达到了顶峰，欧洲各国坐在一起将全世界已知和未知的地方全都加以分配，形成了当今世界格局的雏形。我们可以说西方世界开始全球扩张始于这个条约。

游戏规则已经制定，接下来的事情就是看谁的行动更迅速了。

1498年5月，经过四年的生死考验，葡萄牙航海家达伽马率领的船队终于抵达印度的卡利卡特港，这也正是七十年前郑和下西洋时，展示天国德威的地方。

与郑和不同，葡萄牙人这次带来的不只是友好的问候，当印度人问他们到来

的目的时，达伽马很简练地回答说：“基督徒，香料”。这正是葡萄牙孜孜以求的目的，经过近一个世纪的艰难探索，恩里克王子的愿望终于变成了现实，欧洲航海家几十年知识和勇气的积累开始转化为耀眼的财富。

面对葡萄牙在东方的成功，西班牙再次出发。

1519年9月20日，又一个被葡萄牙冷落的航海家麦哲伦，带着5艘船和265名船员，开始了人类历史上第一次环绕地球的航行。

这无疑是一次划时代的壮举，它的意义甚至可以和人类离开地球登上月球相比，所不同的是，当美国宇航员尼尔·阿姆斯特朗小心翼翼地迈出那一步的时候，他知道全世界至少有七亿人正在为他喝彩。

但450年前的麦哲伦却没有那么幸运。在历经1080个日夜、17000公里航程之后，1521年9月5日，就在这个宏伟的教堂里，18位环绕地球的幸存者手擎点亮的蜡烛，为在这次史诗般的伟大航行中死去的勇士祈祷，其中包括他们在菲律宾被杀的船长麦哲伦。

18盏烛光是那么微弱，但它照亮的却是人类文明的进程！

现在展现在西欧人眼前的，已不是一个半球的四分之一，而是整个地球了。

地球飞快地旋转，制图员夜以继日地辛勤工作，仍然满足不了人们对修订版地图的需求，地图在潮湿和未着色的时候就被取走，航海家开辟的新航线成为了欧洲控制世界的铁链。

在坚船利炮的猛烈攻击下，一个个海上交通战略要点相继成为葡萄牙的囊中之物，正是利用从大西洋到印度洋的50多个据点，葡萄牙垄断了半个地球的商船航线。在16世纪初的前五年中，葡萄牙的香料交易量从22万英镑迅速上升到230万英镑，成为当时的海上贸易第一强国。

与葡萄牙在东方的收获相比，西班牙在美洲大陆上的掠夺更加直接。

据统计，从1502年到1660年，西班牙从美洲得到18600吨注册白银和200吨注册黄金，到16世纪末，世界金银总产量中有83%被西班牙占有。

与欧洲人的扩张相伴随的，却是美洲两大文明中心的悲歌。到1570年，战争屠杀和欧洲传来的流行病，使墨西哥地区的人口从2500万下降到265万，秘鲁的人口由900万下降到了130万。美洲大陆的原住民印第安人从那以后急剧减

少了 90%。

葡萄牙新里斯本大学 教授 安东尼奥·曼努埃尔·埃斯帕尼亚·欧西门：当葡萄牙和西班牙的王室联合起来时，就是在葡萄牙的菲利普一世或者是西班牙的菲利普二世统治期间，据说菲利普王国的太阳从来不降落，因为葡萄牙和西班牙国王的版图到达了整个世界，从墨西哥到菲律宾、中国、印度和非洲。

在欧洲，西班牙统治着近一半的天主教世界；在亚洲，它征服了菲律宾；而除巴西以外的美洲都归西班牙所有。葡萄牙的殖民地遍布非洲、巴西以及环大西洋、印度洋航线的岛屿。

伊比利亚半岛创造了神话般的奇迹，这奇迹会不会也像神话故事那样，见首不见尾，缥缈不定，来去匆匆呢？

这是马德里惟一个以国家名字命名的广场，西班牙的骄傲——作家塞万提斯的纪念碑赫然矗立在正中央，每一个走近塞万提斯的人，都忍不住要用手摸一下骑着瘦马的堂·吉珂德和紧随其后的仆人桑丘。

西班牙古铁雷斯·梅利亚多学院 院长伊西德罗·塞甫尔·维达·穆尼奥兹：塞万提斯生前出版了许多书，他的戏剧作品在当时也大受欢迎，但是，他年老时过着穷困潦倒的生活，他所认识的那些大人物都没有给他足够的生活资助，以至于他死的时候仍然十分贫困。

塞万提斯的命运，在有意无意间折射了伊比利亚半岛的荣辱兴衰。

在强大的王权和狂热的宗教信仰的支撑下，伊比利亚半岛征服了海洋、获得了世界。但是，像潮水一样涌入的财富，几乎都用来支撑为宗教信仰、为殖民扩张而进行的战争，而没有用来发展真正能够让国家富强起来的工商业。势力强大的王公贵族不愿意看到工商业的发展导致新兴势力的崛起，他们甚至荒唐地把数以万计的从事工商业的外国人，从自己的国土上赶走了。

西班牙国家远程教育大学 主讲教授卡洛斯·马丁内斯·萧：西班牙渐渐习惯了，不去投资本国的工业，而转身购买国外昂贵的商品，久而久之，国内的工业极度萎缩，而货币又急剧贬值，人们却还沉迷于消费。

原葡萄牙航海纪念委员会主席若尔金·麦哲伦：我们知道，一个机构极有可能因为没有能力做出改变而“死亡”。我也知道葡萄牙和西班牙的殖民扩张时期就出现了这种情况，就是因为不能做出改变而衰落。

罗卡角的太阳缓缓落下，这是欧洲大陆的最后一抹阳光。

到 16 世纪下半叶，曾经拥有难以计数的金银和无比强大的国家机器的伊比利亚半岛，在世界性的演出中开始谢幕。流水一般涌入的财富又像水一样流走了，除了奢侈的社会风气，没有留下像样的产业，老百姓甚至也没有获得像样的衣、食、住、行。

或许，沉醉于中世纪英雄梦想的堂·吉珂德至死都不明白，他的盾牌掩护的是一个旧世界，他的长矛刺向的是一个新世界，其结局只能是不断重复的无奈和失败！

世界历史舞台上的第一场大戏悲剧性地落幕了。下一场，将会是哪一个国家，身披新世界的霞光登场演出呢？

Anexo II

Quadro de Romaniza ção vs Alfabeto Fon ético Internacional

LP: Letra de Pin yin (Romaniza ção do Mandarin)

AFI: Alfabeto Fon ético Internacional

LP	AFI	LP	AFI	LP	AFI
b	[b]	g	[k]	s	[s]
p	[bʰ]	k	[kʰ]	zh	[tʂ]
m	[m]	h	[x]	ch	[tʂʰ]
f	[fʰ]	j	[tɕ]	sh	[ʂ]
d	[t]	q	[tɕʰ]	r	[ʐ]
t	[tʰ]	x	[ɕ]	y	[j]
n	[n]	z	[ts]	w	[w]
l	[l]	c	[tsʰ]	v	[v]

LP	AFI	LP	AFI	LP	AFI
a	[A]	e	[ɤ]	u	[u]
o	[o]	i	[i]	ü	[y]

LP	AFI	LP	AFI	LP	AFI
----	-----	----	-----	----	-----

ai	[ai]	ing	[iŋ]	uai	[uai]
ei	[ei]	ia	[ia]	ui (uei)	[uei]
ao	[au]	iao	[iau]	uan	[uan]
ou	[ou]	ian	[iæ̃n]	uang	[uɑŋ]
an	[an]	iang	[iaŋ]	un (uen)	[uən]
en	[ən]	ie	[iɛ]	ueng	[uəŋ]
in	[in]	iong	[yŋ]	üe	[yɛ]
ang	[ɑŋ]	iou	[iou]	üan	[yæ̃n]
eng	[əŋ]	ua	[ua]	ün	[yn]
ong	[uŋ]	uo	[uo]	ng	[ŋ]